

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

TAYNÁ SCHULTZ ROSA LOPES

JORNALISMO ESPORTIVO E MACHISMO:
ANÁLISE DE CASOS DE ASSÉDIO ENTRE COLEGAS JORNALISTAS

Porto Alegre

2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

TAYNÁ SCHULTZ ROSA LOPES

JORNALISMO ESPORTIVO E MACHISMO:
ANÁLISE DE CASOS DE ASSÉDIO ENTRE COLEGAS JORNALISTAS

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador
Prof^a. Dra. Camila Kieling

TAYNÁ SCHULTZ ROSA LOPES

JORNALISMO ESPORTIVO E MACHISMO:
ANÁLISE DE CASOS DE ASSÉDIO ENTRE COLEGAS JORNALISTAS

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Bacharel pelo Programa de Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr. Camila Garcia Kieling - PUCRS

Prof^a. Me. Fernanda Cristina Vasconcellos - PUCRS

Prof. Me. Tércio Saccol - PUCRS

Porto Alegre

2019

Dedico esta monografia a todas as mulheres
que, assim como eu, lutam para tornar as
relações sociais igualitárias e seguras para
homens e mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e irmã pela confiança depositada em mim ao longo de todo o processo acadêmico. À minha orientadora, Camila Garcia Kieling, que além de ser uma inspiração pessoal, me guiou e tranquilizou durante a monografia. Aos professores e funcionários da FAMECOS, que ao longo da minha jornada, demonstraram atenção, empatia e carinho comigo.

O feminismo é um esforço para mudar algo muito antigo, difundido e enraizado em muitas culturas, talvez na maioria delas em todo o mundo [...] e também na nossa cabeça, onde tudo começa e termina. (SOLNIT, 2017, p. 178)

RESUMO

Este trabalho trata da concepção de assédio sutil entre colegas jornalistas a partir da análise de dois casos ocorridos em 2018. À jornalista Eduarda Streb foi sugerido que “voltasse para a cozinha” pelo colega de bancada Eduardo Bueno, enquanto ambos participavam ao vivo de um programa de rádio de debates sobre futebol. Sandra Annenberg, na cobertura da Copa do Mundo da Rússia 2018, foi interrompida pelo narrador esportivo Galvão Bueno enquanto apresentava o Troféu da Copa do Mundo FIFA. Galvão a interrompeu para dar uma explicação sobre a mesma coisa que a jornalista tentava explicar, atos conhecidos, respectivamente, como *manterrupting* e *mansplaining*. O objetivo da pesquisa é compreender, sob uma perspectiva feminista, o assédio sutil e sua presença e ocorrência no ambiente de trabalho das mulheres jornalistas. Também será analisado como o assédio sutil está inserido na sociedade e nas relações entre homens e mulheres; como as redes sociais serviram de “termômetros” nos casos estudados; e como a mulher que foi vítima do assédio percebe o caso sofrido. Para tanto, foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e análise de conteúdo. A pesquisa bibliográfica e documental buscou aporte nos estudos de Pinto (2003) a respeito da história do movimento feminista no Brasil; bem como na ampla pesquisa de Bourdieu (1989 e 1999), a respeito dos efeitos da dominação patriarcal e da violência simbólica. Os conhecimentos de Solnit (2017), Bennett (2018), Silva (2010) e Adichie (2015) contextualizam os diversos tipos de machismo e explicam como estereótipos de gênero se refletem no ambiente de trabalho e nas relações de poder. Com a análise de conteúdo, os dois casos foram estudados por meio de sete categorias, a fim de analisar diferentes aspectos considerados importantes para compreender os objetos da pesquisa. Os resultados apontam para a existência de reações estereotipadas das vítimas, ausência de culpa da parte quem pratica o assédio, necessidade da nomeação de atos para identificá-los como violência simbólica e também a necessidade das vítimas de se explicarem, reafirmando suas potencialidades profissionais.

Palavras-chave: Jornalismo; feminismo; trabalho; assédio.

ABSTRACT

This research regards the conception of subtle harassment between colleagues journalists starting from the analysis of two cases that occurred in 2018. To the journalist Eduarda Streb was suggested that she “should go back to the kitchen” by her counterpart and colleague Eduardo Bueno, while they were both participating live on a soccer debate radio program. Sandra Annenberg, on the press cover of the 2018 Russian World Cup, was interrupted by the sports narrator Galvão Bueno while presenting the FIFA World Cup Trophy. Galvão interrupted her to explain the same thing that the journalist was trying to explain, acts known, respectively, as man interrupting and mansplaining. The research’s objective is to comprehend, under a feminist perspective, the subtle harassment and its presence and occurrence within the workplace of women journalists. It also is going to be analysed how the subtle harassment is inserted in the society and in the relations between men and women; how the social media has served as “thermometers” in the studied cases; and how does the woman whom was the victim of the harassment perceives the case suffered. Therefore, the research techniques used were bibliographic, documentary, and content analysis. The bibliographical and documentary research sought contributions in the studies of Pinto (2003) regarding the history of the feminist movement in Brazil; as well as the wide research of Bourdieu (1989 and 1999), concerning the effects of the patriarchal dominance and the symbolic violence. The knowledges of Solnit (2017), Bennett (2018), Silva (2010) and Adichie (2015) contextualize the diverse types of sexism and explain how gender stereotypes reflect themselves on the workplace and the power relations. With content analysis, both cases were studied by means of seven categories, in order to analyze different aspects considered important to understand the research’s objects. The conclusions indicate to the existence of stereotyped reactions of the victims, absence of guilt from the party that has practiced the harassment, the need of a designation of acts to identify them as symbolic violence and also the victims need to explain themselves, reaffirming their professional potential.

Key words: Journalism; feminism; employment; harassment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Disposição dos integrantes no Sala de Redação.....	56
Figura 2 - Comentários Globo Play	69
Figura 3 - Momento da entrada ao vivo de Sandra	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FEMINISMO E O COMBATE AO ASSÉDIO	14
2.1	FEMINISMO NO BRASIL	14
2.2	MACHISMO E ASSÉDIO COMO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	20
2.3	O QUE SÃO <i>MANSPLAINING</i> E <i>MAN INTERRUPTING</i>	29
3	FEMININO: O GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO	32
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO	32
3.2	MACHISMO NO JORNALISMO ESPORTIVO	41
3.3	FEMINISMO ONLINE OU <i>WEB FEMINISMO</i>	46
4	ANÁLISE: O ASSÉDIO SUTIL NO JORNALISMO	50
4.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO	50
4.2	O CASO EDUARDA STREB	53
4.2.1	O programa	53
4.2.2	O papel de cada um no programa	54
4.2.3	Análise dos vídeos	55
4.2.4	O caso	56
4.2.5	Redes sociais e reações da audiência	60
4.2.6	O pedido de desculpas	62
4.2.7	Reações entre os pares	65
4.3	O CASO SANDRA ANNENBERG	65
4.3.1	O programa	66
4.3.2	O papel de cada um no programa	66
4.3.3	Análise dos vídeos	68
4.3.4	O caso	70
4.3.5	Redes sociais e as reações da audiência	72

4.3.6	O pedido de desculpas	73
4.3.7	Reações entre os pares	74
4.4	CONCLUSÕES E DESDOBRAMENTOS DE AMBOS OS CASOS	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa dois casos de machismo ocorridos ao vivo entre colegas jornalistas. O primeiro deles aconteceu em uma quinta-feira, 26 de abril de 2018, no programa Sala de Redação da Rádio Gaúcha, quando o jornalista Eduardo Bueno, conhecido como “Peninha”, sugeriu à colega e jornalista participante do programa, Eduarda Streb, que “voltasse à cozinha de onde nunca deveria ter saído”, na tentativa de silenciar e diminuir a sua opinião, em um programa de rádio de caráter opinativo.

O segundo caso ocorreu durante a cobertura da Copa do Mundo da Rússia. Em uma segunda-feira, dia 02 de julho de 2018, a jornalista e apresentadora do *Jornal Hoje* Sandra Annenberg estava ao vivo na Rússia recebendo nos estúdios da Globo em Moscou a visita do Troféu da Copa do Mundo FIFA. Na transmissão ao vivo, participava, da cidade de Samara, o jornalista e narrador esportivo Galvão Bueno. Sandra iniciou a sua participação apresentando a taça e começou a explicar por que é proibido tocá-la. Neste momento, Galvão a interrompeu para explicar exatamente o que ela estava explicando. No vocabulário da terceira onda feminista, práticas como essa são conhecidas como *maninterrupting* e *mansplaining* e consistem, respectivamente, nos atos de um homem interromper uma mulher e de explicar para ela algo sobre o qual ela tem propriedade, conforme Solnit (2017) e Bennett (2018).

Ambos os casos aconteceram no âmbito do jornalismo esportivo, mais especificamente no futebol, que, segundo Souza (1996, p. 46), “apesar de possuir uma grande participação feminina nas suas torcidas, é considerado, no Brasil, como uma área predominantemente masculina”. Este padrão também se reflete na imprensa, onde a maioria dos profissionais são do gênero masculino: de acordo com o levantamento realizado em 2018 pela Apex Conteúdo Estratégico, nos Esportes, homens ocupam 65% dos cargos de chefia e um total de 84,7% na editoria.

Este trabalho de monografia tem o objetivo de investigar, a partir dos casos de Eduarda Streb e Sandra Annenberg, o assédio sutil, conceito desenvolvido ao longo desta pesquisa pela autora, e de que forma ele ocorre entre os colegas jornalistas. Também visa analisar o papel das redes sociais como termômetros nos casos de assédio estudados e refletir sobre como as mulheres que sofreram o

assédio perceberam o caso sofrido. Busca-se, ainda, compreender os contextos de assédio sutil e sua influência no ambiente de trabalho dos jornalistas.

Os problemas de pesquisa são: de que forma o assédio sutil acontece entre colegas jornalistas? Como a audiência, por meio das redes sociais, percebeu os casos de assédio estudados? Como Eduarda Streb e Sandra Annenberg viram seus próprios papéis nos casos de machismo que sofreram? E, por fim, como se dá a construção destas atitudes dentro da sociedade marcada pela dominação masculina?

Para análise e contextualização do feminismo, inicialmente será abordado o contexto histórico do movimento no Brasil, presente no subcapítulo 2.1. Posteriormente, o subcapítulo 2.2 segue para a contextualização do machismo e assédio com base em Bourdieu (1989 e 1999) e como se dá a sua construção dentro das relações de poder. O subcapítulo 2.3 utilizará as autoras Solnit (2017) e Bennett (2018) para explicar o surgimento dos termos *mansplaining* e *maninterrupting* e seus significados.

Para contextualizar a presença feminina no jornalismo e, mais especificamente, no do jornalismo esportivo, tópicos a serem explorados no capítulo 3, serão utilizados Morel e Barros (2003), Casadei (2011), Santos e Temer (2016), bem como estudos citados por Bennett (2018). O primeiro subcapítulo vai explicar como as mulheres se inseriram no jornalismo, a luta por reconhecimento, uma breve descrição do surgimento da profissão jornalística e também estudos sobre comportamentos machistas no ambiente de trabalho. O subcapítulo 3.2 faz uma reflexão acerca dos papéis de gênero e estereótipos que encaminham meninos ao futebol e meninas aos afazeres domésticos, e de que forma esta cultura interfere no fato de que homens são a maioria na editoria de jornalismo esportivo. Para tanto, são apresentadas a pesquisa de Silva (2010) e dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em parceria com a Gênero e Número e o Google News Lab. O subcapítulo 3.3 abordará a terceira onda do feminismo com foco na difusão do movimento nas redes sociais e estuda como o fator tecnológico influenciou o movimento e também contribuiu para uma criação de nichos.

O quarto capítulo explicará os métodos de análise utilizados, bem como a categorização aplicada ao corpus da pesquisa, as análises e conclusões. Para realização do trabalho, serão adotadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, e também a análise de conteúdo, método que consiste em proporcionar

conhecimento, novos *insights*, novas representação dos fatos e uma guia prática para a ação, como afirma Krippendorff (1990).

No subcapítulo 4.2 se iniciará a análise do caso Eduarda Streb, de forma categorizada, selecionando aspectos que envolvem o caso de machismo considerados importantes para esta análise. Estas categorizações foram divididas em sete partes a fim de garantir a compreensão e importância de cada elemento dentro da análise, são elas: **o programa, o papel de cada um no programa, análise dos vídeos, o caso, redes sociais e as reações da audiência, o pedido de desculpas, e reações entre os pares.**

O subcapítulo 4.3 vai repetir o procedimento de sete categorizações para analisar o caso de Sandra Annenberg, e capítulo 4.4 abrigará as conclusões e inferências resultantes do estudo de ambos os casos com base em Bennett (2018), Solnit (2017) e Bourdieu (1989 e 1999).

Nas Considerações Finais, será realizado um resgate do que foi trabalhado ao longo dos capítulos e refletir sobre possíveis lacunas e desdobramentos desta pesquisa.

A pesquisa tem por fim analisar, sob uma perspectiva feminista, as relações de trabalho as quais as mulheres jornalistas estão expostas. Com esta análise, pretende-se abrir uma discussão acerca do tipo de assédio sutil que exerce poder e dominância dentro das relações de trabalho.

A motivação pessoal da pesquisadora é trazer luz a este debate, para que por meio do conhecimento público e da ampla difusão, seja cada vez mais possível combater essas práticas tão disseminadas na sociedade.

2 FEMINISMO E O COMBATE AO ASSÉDIO

Este capítulo se propõe a contextualizar a história do feminismo no Brasil, considerando aspectos políticos mundiais e seus reflexos no país. A se valer das pesquisas e conhecimento de Pinto (2003), Bourdieu (1999). O capítulo também aborda os conceitos de machismo, assédio e *mansplaining*, bem como a construção cultural que os emprega.

2.1 FEMINISMO NO BRASIL

“Feminismo é um movimento focado em dar voz a quem não tem voz e poder a quem não tem poder.”
(SOLNIT, 2017, p. 166)

Conforme Pinto (2003), o feminismo é um movimento que “desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadã – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação” (p. 9).

Registros de movimentos feministas datam da Revolução Francesa, no século XVIII. Neste momento, eles apareceram de forma esporádica por meio de reivindicações do direito da mulher a ser reconhecida como cidadã. No século XIX, a luta se voltou à questão dos direitos políticos de participação da mulher nas eleições e do eleitorado com maior afinco, o que ficou conhecido como movimento sufragista.

No Brasil, a vivência da mulher era resumida ao lar, sendo os interesses de gênero, políticos e de autonomia desrespeitados ou sequer discutidos. Bourdieu (1999, p. 17) afirma que a divisão dos sexos dentro da norma patriarcal entra no contexto cultural a ponto de tornar-se incontestável: “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas”.

Muitas ideias e tópicos feministas começaram a surgir na imprensa na primeira metade do século XIX e, como salienta Costa (2005), alguns movimentos feministas invadiram espaços públicos em busca de direitos ao passo em que

crescia o número de mulheres na indústria e nos espaços majoritariamente masculinos:

Já se podiam encontrar algumas mulheres incorporadas às lutas sindicais na defesa de melhores salários e condições de higiene e saúde no trabalho, além do combate às discriminações e abusos a que estavam submetidas por sua condição de gênero. (COSTA, 2005, p. 3)

Ainda assim, a inexpressividade dos movimentos feministas ainda era grande e a falta de direitos das mulheres reduzia seu papel social aos cuidados e afazeres domésticos, de acordo com Pinto (2003). Para a autora, o crescimento do pensamento e a organização do movimento feminista ocorreu dentro do regime das oligarquias no início da década de 1920, estimulado pelas famílias ricas brasileiras que concediam às filhas mulheres educação e formação superior, como no caso de Bertha Lutz (1894-1976), feminista e referência do movimento.

Segundo Pinto (2003), há três claras vertentes do movimento feminista no Brasil. A primeira delas é definida pela autora como um “movimento bem-comportado que tinha como questão central a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos” (p. 14). A autora classifica desta forma porque o movimento feminista da época não via a falta de direitos da mulher como decorrência da posição de poder do homem. Esta fase do feminismo foi encabeçada por Bertha Lutz, notória ativista feminista, bióloga e política brasileira. Apesar de serem três vertentes, elas não ocorreram de forma sucessória, tendo, inclusive, se sobreposto devido ao movimento ser social e político e conter avanços e retrocessos em ambas as esferas.

A segunda vertente foi percebida com mais clareza no início do século XX e se difundiu entre mulheres cultas da sociedade, classificada pela autora como um “feminismo difuso, o qual se expressa nas múltiplas manifestações da imprensa feminista alternativa” (PINTO, 2003, p. 15). Foi um feminismo consciente da submissão da mulher ao homem e das diferenças de poder. O feminismo desta fase se preocupa em educar a mulher e aborda questões tabu como sexualidade e divórcio.

A terceira fase apareceu de forma significativa no movimento anarquista do século XX, e foi difundida entre trabalhadoras e mulheres intelectualizadas da sociedade. Nesta época, tinham destaque as milícias de esquerda que defendiam vertentes mais radicais do feminismo, por meio de teses feministas e ideários

anarquistas e comunistas (PINTO, 2003). Esta fase foi classificada pela autora como o período menos comportado do feminismo brasileiro.

O movimento pioneiro que tentou quebrar o paradigma do patriarcado no Brasil ocorreu com a conquista do voto feminino, o que representou a participação da mulher na vida pública como cidadã, em 1932. As tentativas anteriores à aprovação da lei que garante o voto às mulheres, mesmo falhas, representaram um passo em direção à igualdade com a criação do primeiro Partido Republicano Feminino em 1910. A Constituição de 1891 não concedia direito de voto às mulheres porque elas não faziam parte do grupo que se entendia como cidadãos. O que confirma ideia de que a dominância patriarcal era estabelecida como ordem natural. Como afirma Pinto (2003, p. 16): “[a mulher] simplesmente não existia na cabeça dos constituintes como um indivíduo dotado de direitos”. Conforme o texto da Constituição de 1891 reproduzido por Pinto (2003),

Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados: Os mendigos; os analfabetos; as praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior; os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações, ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediência, regras, ou estatuto que importe a renúncia da liberdade individual. São inelegíveis os cidadãos não alistáveis. (PINTO, 2003, p. 16)

A omissão das mulheres no texto da lei traduz o pensamento dominante da época, que excluía a participação da mulher de forma tão natural que especificá-la dentro do grupo formado como cidadãos não se tornava necessário. Não se especificava que as mulheres não podiam, mas elas não eram consideradas parte do grupo que abrange a palavra cidadãos (PINTO, 2003).

Depois da conquista do voto, o feminismo liderado por Bertha Lutz teve altos e baixos, acompanhando a frágil democracia da Era Vargas até o golpe civil-militar de 1964, período no qual as conquistas sociais eram orientadas pela utopia comunista e pelas disputas estimuladas pela Guerra Fria (PINTO, 2003). Ainda na década de 1960, foi graças ao Conselho Nacional das Mulheres, criado dez anos antes, que a mulher ganhou direito próprio de cidadania, não sendo mais vista politicamente como propriedade do marido. Antes disso, a mulher era excluída de alguns contextos para não manchar a reputação da família, como, por exemplo, a escolha por não trabalhar, resultado da crença na existência de um contrato sexual implícito, como apontam Moraes e Dantas (2011):

Quando as primeiras doutrinas do contrato social começaram a se consolidar, as mulheres foram mais uma vez excluídas, chegando-se a vincular o contrato social a um contrato sexual implícito, em que as mulheres abririam mão da sua participação nos espaços públicos para o bem da preservação da família, tão importante para a sociedade e tão dependente de seus cuidados. (MORAIS; DANTAS, 2011, p. 25)

A força máxima do feminismo mundial foi atingida nos anos 1970, período de forte repressão e autoritarismo no Brasil, que forçou o movimento a se articular no exílio e a se unir em movimentos de oposição. O feminismo de resistência da época ficou conhecido como a segunda onda do feminismo.

Ainda dentro do regime repressivo dos militares, o feminismo se voltou para novos debates e ganhou espaço nos meios de comunicação – como a TV – sobre o papel da mulher e das tarefas atribuídas ao gênero feminino, conforme afirma Costa (2005):

O feminismo chegou até a televisão revolucionando os programas femininos, nos quais agora, junto às tradicionais informações sobre culinária, moda, educação de filhos etc. apareciam temas até então impensáveis como sexualidade, orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica. (COSTA, 2005, p. 5)

O ano de 1975 foi um marco para o movimento feminista no Brasil. O General Geisel prometera uma abertura lenta e gradual do regime, o que proporcionou ao movimento maior liberdade. Várias feministas acadêmicas fundaram a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), marco inicial de um feminismo preocupado com a condição da mulher no Brasil.

Marcado pelo reconhecimento e incentivo internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, diversas cidades do país foram marcadas por atos públicos de mulheres declaradas feministas propagando e disseminando as propostas do novo feminismo que se espalhava na Europa e Estados Unidos. Neste período, os movimentos se organizavam sob pretexto de grupos de estudos, fugindo da repressão que restava. Na mesma década surgiu o jornal *Brasil Mulher*, no Paraná, ligado ao Movimento Feminino pela Anistia (MFA), e o *Nós Mulheres*, tabloide de apenas oito edições e que desde a primeira edição declarou-se feminista. Esses impressos se tornaram os maiores porta-vozes do movimento (COSTA, 2005). Acerca do Movimento Feminino pela Anistia, Costa (2005) comenta suas características e importância:

O Movimento Feminino pela Anistia foi criado em 1975, sob a liderança de Terezinha Zerbini, com o objetivo de articular as lutas e mobilizações em defesa dos presos políticos, pelo retorno dos banidos, por uma anistia ampla, geral e irrestrita. O MFA foi a primeira estruturação pública e oficial de questionamento da ditadura militar. (COSTA, 2005, p. 18)

Dentro da luta feminista em época de ditadura, em 1979, Pinto (2003) evidencia o quadro da problemática que o feminismo encontrou ao perceber a polarização de ideais dentro do movimento. Eram diferentes reivindicações que levavam as mulheres a levantarem as bandeiras, dividindo-se entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). As diferenças de classe e condições sociais que cada mulher em sua particularidade encontrava eram distintas e, conseqüentemente, também as suas reivindicações:

É, portanto, tendo esse quadro como referência que o movimento feminista brasileiro deve ser entendido: é um movimento que luta por autonomia em um espaço profundamente marcado pelo político; defende a especificidade da condição de dominada da mulher, numa sociedade em que a condição de dominado é comum a grandes parcelas da população; no qual há diferentes mulheres enfrentando uma gama de problemas diferenciados. (PINTO, 2003, p. 46)

O final da ditadura militar trouxe avanços para o movimento feminista. A volta de exilados e a anistia de presos políticos fortaleceu o movimento. O fim do bipartidarismo também proporcionou novas possibilidades para as correntes feministas. Em 1986, na Assembleia Constituinte, mais mulheres foram eleitas, sua representação, de acordo com Pinto (2003), passou a ser 5,7% da Casa. As mulheres eleitas se denominaram “bancada feminina”, apresentando “trinta emendas sobre os direitos das mulheres, englobando praticamente todas as reivindicações do movimento feminista” (PINTO, 2003, p. 74). A Constituição de 1988 levantou importantes conquistas para as mulheres, entre elas, o direito das encarceradas em amamentar, licença à gestante de cento e vinte dias, proibição da diferença de salários, o que interferiu fortemente nas tarefas domésticas e papel social, que passaram a ser divididos entre o homem e a mulher.

No processo de abertura do regime, as estruturas políticas, como sustenta Costa (2005), viram na mulher uma aliada, ou perceberam que continuar remando contra a correnteza do movimento feminista só faria os partidos políticos caírem no conceito das mulheres. Houve uma incorporação das demandas do movimento nos

partidos políticos e até mesmo a direita criou seu Comitê Feminino dentro do Partido Democrático Social (PDS).

A década de 1990 refletiu um período conservador dominante por parte do Estado e fez o movimento feminista migrar para Organizações Não Governamentais de forma autônoma, em decorrência do desinteresse do governo. As mulheres das periferias iniciavam as Associações de Moradores e as trabalhadoras estruturavam-se por meio de sindicatos, organizações e departamentos. “O crescimento do feminismo popular teve como consequência fundamental para o movimento amplo de mulheres a diluição das barreiras e resistências ideológicas para com o feminismo” (COSTA, 2005, p. 8).

A terceira onda feminista iniciou na década de 1990 e se estende até os dias de hoje, marcada pela globalização. Como explica Bittencourt (2015), a terceira onda acaba por “trazer uma agenda individual ou liberal, desligando as organizações coletivas como pressuposto da transformação política, e principalmente da transformação estrutural da sociedade patriarcal” (BITTENCOURT, 2015 p. 202). Mota (2017) realizou uma pesquisa sobre como se comporta a terceira onda do feminismo no país, e concluiu que o movimento teve uma guinada com a forte presença das redes sociais (tópico que será abordado com maior profundidade no subcapítulo 3.3 desta monografia):

Os novos meios de comunicação e informação proporcionados pelos avanços tecnológicos, que colocam à disposição as diversas redes sociais e facilitam o processo de busca e pesquisa, podem ter contribuído de forma significativa para uma maior inserção de mulheres no movimento. (MOTA, 2017, p. 117)

A terceira onda é marcada pela rejeição da supremacia de um tipo de feminismo sobre outro. A pluralidade e democracia se destacam e se caracterizam na interseccionalidade do movimento, ou seja, a crença de que dentro de uma luta feminista existem reivindicações particulares de raça, orientação sexual, religião, etc. Essa nova característica se destacou em 1995 em Beijing, na China, durante a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher. A conferência mobilizou mulheres de todo o Brasil que conquistaram voz e transversalidade das políticas públicas com a perspectiva de gênero, além de estabelecer 12 áreas de preocupação sobre os direitos das mulheres e meninas. Entre eles estão a violência contra a mulher,

Mulheres no Poder e Liderança, Educação e Capacitação de Mulheres etc., de acordo com a ONU¹.

Este subcapítulo abordou o movimento feminista no Brasil, no qual foram estudadas as formas que o movimento utilizou para se articular e se manter vivo ao longo do tempo, passando por ditaduras e períodos democráticos. Também abordou o crescimento do movimento no século XX, momento em que passa a compreender a pluralidade e interseccionalidade dentro de cada luta feminista.

2.2 MACHISMO E ASSÉDIO COMO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

“A ideologia patriarcal não só legitimou o poder masculino, mas também converteu os homens no bem, atribuindo o mal às mulheres, assim justificando a imposição da sua submissão.” (ROSO et al., p. 21)

Este capítulo trata dos conceitos de machismo e assédio e suas consequências, valendo-se do conceito de violência simbólica presente no assédio, seja ele verbal ou sexual, com base em Bourdieu (1999), Bennett (2018) e Solnit (2017).

Drumont (1980, p. 81) define o machismo como “um sistema de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. O machismo se construiu e enraizou na cultura brasileira desde a colonização. Os colonizadores conquistaram as terras e povos indígenas em um momento histórico no qual a máxima era a superioridade masculina. Essa máxima, associada ao desconhecimento das tradições, crenças e mitologias indígenas e ao etnocentrismo do colonizador, gerou diversos tipos de violência, como a catequização e o massacre de etnias, e ao que Fernandes (2016) nomeia como colonização sexual, consequência da exploração sexual das índias: “O processo de colonização das sexualidades indígenas não pode ser compreendido fora das relações de trabalho e do modelo de moral e de família impostos ao longo da colonização” (FERNANDES, 2016, p, 51).

As marcas do período colonial ainda estão presentes na estrutura social brasileira. A desconstrução de paradigmas ocorre à medida em que o feminismo

¹MULHERES, ONU. **Conferências Mundiais da Mulher**, s/d, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2WC62sB>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

cresce como movimento e foi capaz de desconstruir pensamentos machistas na cabeça das próprias mulheres e de toda estrutura social fundamentada no patriarcado. Esta desconstrução é o que leva as mulheres a assumirem cada vez mais os espaços coletivos majoritariamente masculinos.

Alguns exemplos de machismo são sutis, e, por consequência, difíceis de combater. É parte da dominação masculina que torna a invisibilidade da mulher comum à ordem natural das coisas (BOURDIEU, 1999), e se manifesta em situações como, por exemplo, quando às mulheres é sugerido que não saiam à noite desacompanhadas, não falem com estranhos, e tenham sua liberdade cercada e limitada pelo medo; enquanto que aos homens não é ensinado ter medo das mesmas coisas, pois culturalmente não é esperado que sofram o mesmo tipo de penalização que as mulheres. Solnit (2017), exemplifica o contexto universitário envolvendo agressões sexuais:

Não há nenhuma boa razão (e há muitas más razões) para que as universidades passem mais tempo dizendo às mulheres como sobreviver aos agressores sexuais do que dizendo à outra metade dos alunos que não sejam predadores. (SOLNIT, 2017, p. 45)

O problema da criação de meninos e meninas por meio de uma diferenciação social é que um sexo acaba subjugado ao outro. Adichie (2015, p. 30) expõe esse fator:

Quando os pressionamos a agir como durões, nós os deixamos com o ego muito frágil. Quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego. E criamos as meninas de uma forma muito pernicioso, porque as ensinamos a cuidar do ego frágil do sexo masculino.

Quando surgem campanhas feministas nos meios digitais contra casos de assédio e violência sexual, comumente encontram-se homens preocupados em dizer que “nem todos os homens são assim”, como uma maneira de dizer que eles não são parte do problema, do que se preocupar com o que alguns homens de fato fazem com as mulheres (SOLNIT, 2017). Com base nisso, a autora defende a prioridade do tópico feminista sobre assédio e violência sexual em prol de uma sociedade de mulheres sem medo: “As mulheres sentem o tempo todo medo de serem estupradas e assassinadas, e por vezes é mais importante falar sobre isso do que proteger o bem-estar masculino” (SOLNIT, 2017, p. 160).

Falar sobre o feminismo é questionar padrões culturais confortáveis para os dominantes. Não é dizer que todo homem que faz uma piada desagradável no trabalho é um potencial estuprador ou que odeia mulheres. É questionar o fato de um dos sexos sentir o poder e a propriedade de o fazer sem consentimento ou base na realidade (SOLNIT, 2017). Moraes e Dantas (2011) analisam as múltiplas expressões do machismo utilizado para limitar o acesso de mulheres a diversas esferas da vida pública:

A análise que propomos é a de que o preconceito de gênero encontra-se tão profundamente arraigado em nossa cultura que não precisa se manifestar por meio de agressões físicas. Por vezes, basta um olhar, uma palavra, para coibir o acesso das mulheres a determinados espaços da vida social. (MORAIS; DANTAS 2011, p. 25)

Esta ideia defendida por Moraes e Dantas (2011) traduz o que este trabalho de monografia se dispõe a pesquisar: o assédio verbal que muitas vezes, não é considerado pela justiça como assédio moral. Pois é difícil vincular de forma explícita a ligação entre olhares e insinuações com a interdição de certos espaços às mulheres.

O assédio sexual, conforme o *Dicionário Crítico do Feminismo*, significa “todas as condutas de natureza sexual, quer sejam de expressão física, verbal ou não verbal, propostas ou impostas a pessoas contra a sua vontade, principalmente em seu local de trabalho, e que acarretam um ataque à sua dignidade” (ALEMANY, 2009, p. 25). O assédio nem sempre vai se manifestar fisicamente, como o toque físico sem consentimento, ou em forma de “elogios” constrangedores. O assédio sutil ocorre em esfera quase imperceptível - muitas vezes porque a mulher que o recebe foi treinada pela sociedade patriarcal a sorrir, acenar e seguir em frente - de uma forma tão comum que se é esperado e facilmente esquecido, com a famosa desculpa que alguns homens e mulheres costumam sustentar para se protegerem: “foi só uma piada”, “o politicamente correto não deixa ninguém fazer piadas”.

Um estudo do Ministério Público com apoio da Organização Internacional do Trabalho publicou, em 2017, uma cartilha online² que tipifica, explica e exemplifica o assédio sexual no ambiente de trabalho, como forma de disseminar a informação entre as mulheres.

²TRABALHO, Ministério Público. **Assédio Sexual no Trabalho**: Perguntas e Respostas. Brasília, 2017, (24 p.). Disponível em: <<http://bit.ly/2JQsVFh>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

O assédio sexual, para Fukuda (2012, p. 3), pode ser compreendido como “resultado de uma incapacidade do agressor em lidar com a frustração de ter o desejo sexual negado pelo outro, em outras palavras, de uma relação de dominação e poder sobre o outro”. E, para Dias (2008, p. 12), “para muitas mulheres, a tolerância do assédio e, em particular, do assédio sexual fazia parte da premissa de ter ou manter um emprego fora de casa”.

Bourdieu (1999, p. 30-31) também define o assédio sexual como fruto da busca incessante pela dominação: “o assédio sexual nem sempre tem por fim exclusivamente a posse sexual que ele parece perseguir: o que acontece é que ele visa, com a posse, nada mais que a simples afirmação da dominação em estado puro”. De acordo com a cartilha do Ministério do Trabalho, o assédio é praticado por uma pessoa em posição hierárquica superior (geralmente homens) com subordinados de posição hierárquica inferior (geralmente mulheres). Porém, não sendo esta prática exclusiva entre sujeitos de diferentes posições em uma hierarquia, este trabalho de monografia vai analisar o assédio ocorrido entre colegas jornalistas, mais especificamente casos de assédio sutil (Eduarda Streb) e *mansplaining e maninterrupting* (Sandra Annenberg), termos simbólicos criados no século XXI que serão abordados com profundidade no subcapítulo 2.2. Essa conduta imprópria normalmente contém caráter sexual, na condição de que a subordinada não pode reagir sob ameaça de perder o emprego, estabilidade, credibilidade, etc.

Quanto ao Código Penal, o artigo 216 prevê que “o assédio se caracteriza por constrangimentos e ameaças com a finalidade de obter favores sexuais feita por alguém de posição superior à vítima”. Este artigo foi introduzido pela Lei nº 10.224/01 que dispõe sobre o assédio sexual, possui um caráter mais restrito ao ambiente de trabalho e tem pena de detenção de um a dois anos.

A própria cartilha do Ministério com a Organização Internacional do Trabalho vê como negativa as punições do Código Penal sobre assédio sexual: “O Código Penal, elaborado há décadas e ainda vigente, é fruto de uma sociedade androcêntrica, com tendência a minimizar crimes contra a mulher ou culpabilizar a vítima destes crimes” (MPT, 2017, p. 6).

Em termos legais, um avanço para a democracia que ocorreu em setembro de 2018 foi a tipificação do assédio sexual como crime de importunação sexual - praticar ato libidinoso contra alguém para satisfazer a própria lascívia ou de

terceiros. A Lei³ nº 13.718 prevê pena entre um até cinco anos de prisão para quem praticar tal delito. Depois da lei, casos de assédio passaram a receber penas mais duras, o que resultou em um primeiro Carnaval (2019) sob a nova legislação. Trata-se de um marco, pois a festa carrega um forte caráter de liberação sexual e, por consequência, grande ocorrência de casos de assédio.

O assédio moral no trabalho também tem aporte no projeto de lei 4742/01, que, se aprovado pelo Senado⁴, tipifica e pune quem ofender reiteradamente a dignidade de outro no trabalho. Acontece que os assédios verbal e moral abrigam classificações como *maninterrupting*, *mansplaining*, *bropropriating* (como veremos no tópico seguinte), e podem não causar dano físico à vítima, mas causam prejuízos morais e psicológicos. Porém, ainda são vistos pelos ofensores e ampla parcela das vítimas como brincadeira. Por isso, a autora propõe que sejam chamados de assédio sutil os casos em que o constrangimento não tem base punitivo-judicial para serem classificados como assédio moral.

Dentre diversos casos que causam constrangimento às vítimas, pode-se citar olhares e comentários inapropriados, pedidos incoerentes (como solicitar que uma mulher participe de uma reunião apenas para tomar notas, fazer café ou para “diversificar” o ambiente, mesmo que estas não sejam suas funções) (BENNETT, 2018), até mandar uma mulher de volta à cozinha. São ofensas tidas como piadas, e que estão presentes nas rotinas de divisão de trabalho, como afirma Bourdieu (1999, p. 34):

Inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos.

Dentro das relações de poder, o assédio é duro e hostil. É a forma como um homem dispõe de seu prestígio e poder para silenciar a voz de uma mulher. Deve-se atentar para as dificuldades em enfrentar os agressores judicialmente. Solnit (2017) relata como a política dos Estados Unidos mudou depois que uma camareira de

³BRASIL. Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. **Institui Importunação Sexual**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm>. Acesso em: 10 mai. 2019.

⁴TRABALHO E PREVIDÊNCIA. **Câmara Aprova Punição Para Assédio Moral no Trabalho**. Câmara dos Deputados. Publicado em 12 Mar. 2019. Disponível em <<http://bit.ly/2wVzlpL>>. Acesso em 10 mai. 2019.

hotel ousou denunciar o chefe do Fundo Monetário Internacional⁵ em 2011 por abuso sexual, sendo ameaçada, rechaçada, desacreditada e, mesmo assim, enfrentou e denunciou o seu agressor, assumindo um papel e uma voz que fora silenciada, em uma narrativa tão conhecida por tantas outras mulheres:

Em torno deste círculo estão as forças que tentam silenciar a mulher que fala mesmo assim, seja por humilhação, intimidação ou violência direta, chegando inclusive ao assassinato [...] Quando a história já foi contada e a narradora não foi silenciada diretamente, a história e a narradora são desacreditadas [...] É especialmente quando as mulheres falam sobre transgressões sexuais que seu direito de falar e sua capacidade de falar passam a sofrer ataques. (SOLNIT, 2017, p. 139)

A mulher que denuncia geralmente perde credibilidade, revive o crime inúmeras vezes e tem a liberdade novamente limitada pelo medo. O ato de desacreditar a vítima antes mesmo das investigações terem início perpetua a cultura do assédio e o círculo vicioso do silenciamento das vítimas. Essa cultura permite que, a cada dois segundos, uma mulher seja vítima de violência física ou verbal no Brasil, de acordo com dados do Relógio da Violência, do Instituto Maria da Penha⁶.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha⁷ em novembro de 2018, 42% das mulheres brasileiras já sofreram assédio. A forma mais comum é o assédio sofrido nas ruas e no transporte público. Ampliando a análise, o número de mulheres que de fato denunciam o agressor é menor. Quando se trata de assédio dentro do trabalho, nas grandes corporações, como mostra pesquisa divulgada no site Agência Patrícia Galvão⁸, cujo nome homenageia a escritora, jornalista, militante feminista e presa política mais conhecida como Pagu (1910-1962), 87% das mulheres não fazem denúncias de assédio no trabalho. Para Solnit (2017), as consequências do machismo polarizam a sociedade entre pertencentes e não-pertencentes:

São as ideias preconcebidas que tantas vezes dificultam as coisas para qualquer mulher em qualquer área; que impedem as mulheres de falar, e de serem ouvidas quando ousam falar; que esmagam as mulheres jovens e as

⁵MUNDO. **Diretor do FMI é Preso Acusado de Abuso Sexual, Diz Jornal**. G1.GLOBO.COM. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://glo.bo/2VRq4TU>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁶INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁷DATAFOLHA. **42% das Mulheres Brasileiras Já Sofreram Assédio Sexual**. 2018, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/assediobrasileiras>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁸AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **87% das Vítimas Não Denunciam Assédio no Trabalho**. 2017, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/vitimasnaodenunciam>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

reduzem ao silêncio, indicando, tal como ocorre com o assédio nas ruas, que esse mundo não pertence a elas. É algo que nos deixa bem treinadas a duvidar de nós mesmas e limitar nossas próprias possibilidades - assim como treina os homens a ter essa atitude de autoconfiança total sem nenhuma base na realidade. (SOLNIT, 2017, p. 15)

O assédio começa a se enraizar como normalidade quando às crianças é ensinado como forma de identidade de gênero que ao menino tudo é possível: pensar grande, sonhar grande, sair de casa, conquistar, ser dono do seu próprio negócio, chefe da família, conquistador; e, à menina, destinam-se as aulas de obediência, moral e costumes, balé. Dela é esperado que amadureça sem parecer velha, ou infantil demais, que consiga um bom emprego, mas não melhor que o do marido, e que seja fiel e dona do lar, e subordinada, como explica Bourdieu (1999, p. 18):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres

Atualmente, as heranças culturais mudaram e se modernizaram em alguns pontos, mas permanecem com viés machista na maioria dos espaços. Morais e Dantas (2011) afirmam: “a pertinência do sexo é um fato social que deve fazer parte das análises sociais, afinal, se é da natureza quem determina a que sexo se pertence, é a sociedade que determina as formas de comportamento de cada sexo e quanto poder cada um dispõe” (MORAIS; DANTAS, 2011, p. 24).

Os jogos de poder são os responsáveis pela perpetuação do sistema patriarcal. Homens ocupando cargos de chefias, ambientes de trabalho homogêneos e sem promoção da diversidade, leis de proteção às mulheres com alcance pífio, direitos das mulheres rechaçados e ridicularizados são fatores que partem de um sistema formado por homens e pensado para homens, com algumas modificações sociais conquistadas com muito suor, sutiã e inconformismo. Para Roso et. al (1999, p. 21): “[...] em decorrência, a hostilidade entre os sexos converte-se em guerra, marcando todas as relações entre homens e mulheres”.

A respeito da credibilidade da mulher, em casos de assédio, quando o suposto agressor é alguém de prestígio, não é incomum que se questione a

sanidade mental da vítima para poder desacreditá-la ou amenizar e tirar o foco do problema. A teoria da psiquiatra Judith Herman, citada por Solnit (2017), aponta que o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) ainda quando jovem, em 1896, recebeu pacientes mulheres que pareciam sofrer com traumas da infância, e escreveu uma série de estudos relatando que mulheres em casos de histeria haviam sofrido o que ele chamou de “experiência sexual prematura” e que se tratava de abuso sexual infantil.

Após obter várias respostas similares, decidiu parar de ouvir suas pacientes, pois, como afirma Solnit (2017) “se elas estavam dizendo a verdade, ele [Freud] teria que desafiar todo o edifício da autoridade patriarcal para lhes ajudar” (SOLNIT, 2017, p. 138). O que fez Freud, então, concluir que as mulheres provavelmente imaginavam e desejavam os encontros sexuais prematuros que tiveram. E isso confirma a concepção de que de um jeito ou de outro a culpa *também* é da mulher. Isso é explicado por Bourdieu como sendo fruto da dominação masculina (1999, p. 31): “O desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação”.

Assim, muitas denúncias de assédio não saem do papel. Como, por exemplo, o caso da garota de programa que acusou de assédio sexual o ícone do futebol Cristiano Ronaldo⁹. Parte das críticas de seus defensores é que o abuso não poderia ter ocorrido simplesmente porque ele é carismático, rico e faz diversas doações milionárias para crianças e desfavorecidos. Solnit (2017, p. 148) aponta a descrença baseada em gênero e seu uso para sustentar o machismo e culpabilizar vítimas:

A implicação de que as mulheres, como categoria, não são pessoas de confiança e que o verdadeiro problema são as falsas acusações de estupro está sendo usada para silenciar as mulheres, para evitar discutir a violência sexual e retratar os homens como as principais vítimas

O que deixa-se de falar quando evita-se discutir violência sexual e reorganizar os papéis de gênero é que mulheres são mais suscetíveis a serem mortas em decorrência de violência doméstica, e não são as mulheres que praticam estupro

⁹GLOBOESPORTE, **Americana Acusa Cristiano Ronaldo de Estupro em um Hotel de Las Vegas em 2009**, atualizado 10/18, Las Vegas, Estados Unidos. Disponível em: <<https://glo.bo/2HefbS0>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

coletivo e se vangloriam do fato. Mulheres, apesar de cometerem crimes e transgredirem, são menos suscetíveis a serem violentas de modo geral. A autora Solnit (2017, p. 49) sustenta que “a guerra dos sexos é desequilibrada quando se trata da violência real”. E, para Gutiérrez (200, p. 20), a sutil discrepância é que define papéis de gênero no começo da formação de identidade:

Nos contos infantis, os heróis masculinos enfrentam perigos, lutam, conquistam castelos, vencem bruxas e dragões e recebem, como prêmio, a princesa encantada, a bela adormecida, a donzela prisioneira. As heroínas esperam. Só o príncipe pode desencantá-las, despertá-las, libertá-las. Na vida familiar, as mulheres também esperam. A mãe é uma rainha, a “rainha do lar”, mas o guerreiro, o lutador, o chefe é o pai.

Deve-se atentar para o fato de que o machismo aparece nas mais sutis nuances, as quais passaram a ser nomeadas e visibilizadas principalmente a partir da terceira onda feminista, tópico que será abordado no subcapítulo 3.3 desta monografia. Há diversos exemplos que elucidam práticas machistas: o colega de trabalho que trata todas as mulheres bem, mas que as interrompe em uma reunião é chamado pelo feminismo moderno de *manterrupter*. O colega que rouba os créditos da fala de uma colega mulher, conhecido como *bropropriator*, e, ainda, aquele que imputa à colega mulher a tarefa de tomar notas como se de alguma forma a descrição do cargo dos dois fosse a mesma, mas a imposição e responsabilidades de gêneros distintos. Sobre o *manterrupter*, Bennett (2018) descreve um exemplo claro:

O fato de, no palanque do debate, sr. Trump ter interrompido sua oponente [Hillary Clinton] quarenta e três vezes, inclinando-se sobre ela para chamá-la de “nojenta”, e mesmo assim foi ela quem precisou atingir um equilíbrio quase impossível entre gentileza e autoridade. (BENNETT, 2018, p. 10)

Este capítulo se propôs a discutir, tipificar e exemplificar os tipos de assédios conhecidos e presentes nas relações de trabalho e social das mulheres. Também percorreu sobre formas de assédio sutil, que muitas vezes não são vistas como assédio moral ou verbal, mas que existem como estrutura social que limita o acesso das mulheres a certos meios.

2.3 O QUE SÃO *MANSPLAINING* E *MANTERRUPTING*

Este subcapítulo se propõe a explicar os termos *mansplaining* e *manterrupting*, como surgiram e de que forma são utilizados, com base em exemplos e estudos que mostram o emprego desta forma de assédio.

O termo *mansplaining* surgiu em 2008, depois que a escritora, ativista e jornalista Rebecca Solnit publicou pela primeira vez um ensaio chamado “Os Homens Explicam Tudo Para Mim”¹⁰. Nele, ela conta que, certa vez, em uma festa, teve que ouvir longos minutos de um conselho não requisitado de um homem muito importante sobre um ótimo livro que a autora deveria ler. Ele explicou o livro e o porquê a autora deveria ler, se sobrepondo a todo momento em que Solnit tentava explicar que, na realidade, ela era a autora, e ele de fato nem havia lido.

O termo dá nome ao ato de homens sem nenhuma autoridade explicarem a mulheres sobre suas carreiras, modos de viver e até mesmo menstruação, invalidando assim a própria experiência e conhecimento profissional das mulheres. Em dezembro de 2018, o site Universia, da Uol compilou as melhores hashtags sobre *mansplaining*¹¹, abrindo portas para a discussão e destacando as mais diversas áreas em que a situação ocorre.

Também existem mulheres que, de forma presunçosa, explicam coisas para outras pessoas e também a homens de forma errônea e não requisitada. O fato do termo *mansplaining*, porém, ter atingido a repercussão e alcance que tomou mostra que o costume é amplamente difundido pelos homens em relação às mulheres. Desta maneira, Solnit (2017) confere o uso do *mansplaining* como forma de excluir as premissas femininas com base na experiência. “Em geral, as mulheres então observaram que os homens, ao insistir no direito de rejeitar as experiências que as mulheres alegam ter, estão explicando as coisas, exatamente como eu disse” (SOLNIT, 2017, p. 24).

O *mansplaining*, em última instância é, mais uma vez, um convite ao silêncio para as mulheres, uma forma, conscientemente ou não, de um homem exercer poder e superioridade frente a uma mulher, como afirma Solnit (2017): “Deve haver bilhões de mulheres por aí, neste planeta de sete bilhões de pessoas, sendo

¹⁰SOLNIT, Rebecca. **Man Explain Things to Me; Facts Didn't Get in Their Way**. Common Dreams. Portland, EUA. Disponível em: <<http://bit.ly/2WUcn2R>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

¹¹UNIVERSIA. **Mansplaining: Mulheres Contaram no Twitter Algumas de Suas Piores Histórias**. UOL. 2018, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2Jg6z0p>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

informadas de que não são testemunhas confiáveis de suas próprias vidas, que a verdade não é propriedade delas, nem agora, nem nunca” (SOLNIT, 2017, p. 19).

A justaposição das palavras *man* (homem) e *explain* (explicar) foram inferidas à autora depois da repercussão do seu ensaio. À época, mulheres dos Estados Unidos difundiram o termo compartilhando no Twitter casos nos quais homens erroneamente explicavam situações para as mulheres sem nenhum consentimento ou sequer base e referencial fundamentado para tal.

O *mansplaining* no Brasil é, muitas vezes, visto como um exagero feminista, porque, nas situações em que ocorre de forma explícita e divulgada, os defensores da masculinidade insistem em dizer que não foi intencional, que a mulher que sofreu não sabe do que está falando ou não soube se expressar. Porém, Solnit (2017) vê uma vitória na popularização do termo e da designação de uma atitude de inferiorização das mulheres. “Violência doméstica, *mansplaining*, cultura do estupro, senso de direito ao sexo são algumas das ferramentas linguísticas que redefinem o mundo que muitas mulheres encontram diariamente e abrem o caminho para começar a mudá-lo” (SOLNIT, 2017, p. 170).

O termo *mansplaining* recebe críticas de que a designação é fruto de um feminismo radical, e de que a nomenclatura nada mais quer dizer do que a falta de respeito do interlocutor de interromper a fala do outro. A explicação estaria correta, não fosse a ocorrência frequente de homens interrompendo e explicando às mulheres coisas que, julgam eles, elas são incapazes de compreender. “Os homens continuam explicando tudo pra mim. E nenhum homem jamais se desculpou por querer me explicar, erroneamente, coisas que eu sei e ele não sabe” (SOLNIT, 2017, p. 19).

O termo *maninterrupting* é o ato de um homem interromper a fala de uma mulher, e, como exemplifica Bennet (2018), Trump interrompeu o discurso de Hilary Clinton mais de 40 vezes em um debate, e também exemplifica a ocorrência do termo quando, nas reuniões de trabalho, mulheres falam menos e, quando falam, são interrompidas pelos colegas homens. Esses termos são bons para dar nome à fatores sociais que ocorrem contra as mulheres, mas Nana Queiroz, da revista virtual feminista Azmina, aponta o fato destas nomenclaturas gerarem uma elitização do feminismo, restringindo o movimento à mulheres que entendam inglês.

Sobre interrupções, Bennett (2018) cita estudo sobre gêneros e interrupções de uma pesquisadora na Universidade de Boston, que aponta que “os homens falam

mais do que as mulheres no ambiente de trabalho, interrompem com mais frequência, e as mulheres têm duas vezes mais chance de terem a fala interrompida (por homens e mulheres) do que os homens” (BENNETT, 2018, p. 43). Este fenômeno também recebeu nome no vocabulário feminista: *maninterrupting*. Montesanti (2016) associa o termo ao artigo escrito pelos jornalistas Sheryl Sandberg e Adam Grant para o *The New York Times* em 2015, chamado *Speaking While Female*¹² [Falando Enquanto Mulher, tradução da autora], no qual cita uma pesquisa realizada por uma psicóloga de Yale que concluiu que os senadores homens possuem um tempo de fala maior que o das mulheres¹³, mesmo quando estas são mais conhecidas e influentes.

Um caso famoso de *maninterrupting* foi protagonizado pelo músico norte-americano Kanye West em 2009. Ele subiu ao palco e interrompeu a fala de agradecimento da cantora Taylor Swift, que recebia a premiação de melhor videoclipe feminino no *Video Music Awards* da MTV¹⁴. O músico acreditava que o prêmio deveria ter sido destinado à cantora pop Beyoncé, então, se sentiu no direito de interromper a premiação e expor sua opinião. O caso ganhou notoriedade na internet para exemplificar o conceito de *maninterrupting*.

Este subcapítulo descreveu o surgimento das palavras *mansplaining* e *maninterrupting* como denominação de um conjunto de atitudes que depreciam as mulheres. Também trouxe exemplos de situações cotidianas em que o fato ocorre e estudos que verificam sua recorrência nas relações sociais.

¹²SANDBERG, Sheryl; GRANT, Adam. **Speaking While Female**. The New York Times, 2015. New York, EUA. Disponível em: <<https://nyti.ms/2WhVRfV>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

¹³BRESCOLL, Victoria. **Who Takes the Floor and Why: Gender, Power, and Volubility in Organizations**. Administrative Science Quarterly. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2ErnEAs>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

¹⁴REDAÇÃO. **Taylor Swift e Beyoncé Choraram Nos Bastidores do VMAs 2009**. CAPRICHO online. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2PWF6BB>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

3 FEMININO: O GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO

Este capítulo apresenta um histórico da participação feminina no jornalismo e mercado de trabalho, além de abordar as relações sociais no jornalismo esportivo em um contexto machista. Por fim, trata do webfeminismo e seus pontos positivos e negativos para o movimento feminista.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO

“A gente até pode ter as ideias, mas eles têm as cordas vocais.” (BENNET, 2018, p. 43)

Este subcapítulo vai apresentar a história das mulheres no mercado de trabalho e também no jornalismo esportivo, a luta por reconhecimento e dados da inserção das mulheres em espaços onde, culturalmente, há predominância masculina.

A partir do contexto do feminismo no Brasil, entende-se que a participação feminina no jornalismo brasileiro acontece na segunda metade do século XIX. Conforme Morel e Barros (2003), em 1852 começou a circular a primeira publicação produzida por mulheres e voltada exclusivamente a este público, chamada *Jornal das Senhoras*. Seus assuntos resumiam-se às artes musicais, literatura e moda. As mulheres assinavam seus artigos e não se pode perceber conteúdos de cunho feminista, mas, sim, literatura sobre o papel das mulheres na vida pública.

Já em 1873, a publicação *O Sexo Feminino* contemplava artigos nos quais a reivindicação pelos direitos das mulheres ao universo da educação podia ser encontrado. Em sua inauguração, apresentou-se na capa com o trecho “Tapem os olhos os indiferentes para não verem a luz do progresso que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, não pode ser impedida”.¹⁵

Casadei (2011) aponta, porém, a ausência de matérias e artigos assinados por mulheres, e justifica essa ausência ao medo de parecerem ridículas. “Até a autora da seção de modas mostrava-se muito temerosa de um possível ridículo e,

¹⁵DINIZ, Francisca. *O Sexo Feminino*. v.1. 1893. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1873_00001.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

admitindo que lhe faltasse a coragem da editora, requereu seu anonimato fosse mantido” (LIMA, 2007, p. 223 *apud* CASADEI, 2011, p. 4).

Um marco da produção feminista ocorreu em 1887, com a publicação da revista *A Mensageira*, periódico de cunho feminista que impulsionou o lançamento de livros no Brasil e no mundo escritos por mulheres. Logo na primeira edição, revelava o “propósito de estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remanso do lar, algum pensamento novo” (ALMEIDA, 1897). Até então, a grande maioria de mulheres que escrevia para jornais era colaboradora, não participando da função sob regime de contrato formal.

Um dos grandes nomes do feminismo na imprensa brasileira é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que, em tempos em que as publicações jornalísticas eram escritas exclusivamente por homens, colaborou com mais de vinte poesias e artigos nos quais defendia a emancipação feminina (MOREL; BARROS, 2003).

A pioneira, porém, em profissionalizar a mulher como jornalista foi Narcisa Amália de Campos (1852-1924), carioca defensora do ideal liberal, democrático e progressista (MOREL; BARROS, 2003). Ela sofreu discriminação por ser uma das primeiras jornalistas mulheres no mercado de trabalho.

Naquela época, início do século XX, a profissão ainda não era regulamentada. Os jornalistas eram formados nas mais diversas áreas acadêmicas e muitos também eram escritores, o que caracterizava o estilo de escrita da época, marcado pela opinião e o estilo rebuscado, anterior aos padrões atuais que prezam pela neutralidade e objetividade.

O primeiro Congresso de Jornalistas ocorreu em 1918, e nele foram discutidas técnicas específicas de linguagem, além de princípios éticos, novas teorias e estética. Já o primeiro curso acadêmico surgiu somente em 1947, em São Paulo. Apenas em 1969 o curso de jornalismo foi reconhecido como uma necessidade jurídica para a função, exigindo-se o diploma (MOREL; BARROS, 2003). Essa exigência, entretanto, deixou de existir em 2003, suscitando o “debate em torno do tema, envolvendo qualidade de formação acadêmica, profissionalização, mercado de trabalho e liberdade de expressão” (MOREL; BARROS, 2003, p. 64).

Nos Estados Unidos, Santos e Temer (2016) apresentam um subterfúgio que mulheres utilizavam para terem o direito de escrever, na segunda metade do século XIX: a adoção de um disfarce. Nasceram assim as *stunt girls*, estratégia de que durou até o início do século XX:

A estratégia era assumir outra identidade, outro personagem, e sob o disfarce observar e vivenciar situações, fontes, obter documentos e informações que jamais conseguiriam se assumissem serem repórteres. (SANTOS; TEMER, 2016, p. 38)

Ribeiro (1998) discorre sobre a criação das redações jornalísticas, na década de 1930, pensadas para o trabalho exclusivo dos homens, em uma época em que o feminismo engatilhava sua primeira importante conquista: o direito das mulheres ao voto.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homens. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO, 1998, p. 31)

Em estudos atuais sobre o Brasil, Bruschini (2007), destaca o crescimento das mulheres no mercado de trabalho no período entre 1993 e 2005. Analisando dados do IBGE do período, concluiu que a População Economicamente Ativa (PEA) feminina teve crescimento de 13,7 milhões de pessoas e a porcentagem de mulheres no conjunto de trabalhadores foi de 39,6% para 43,5%. “O que significa que mais da metade da população feminina em idade ativa trabalhou ou procurou trabalho em 2005 e que mais de 40 em cada 100 trabalhadores eram do sexo feminino, na mesma data” (BRUSCHINI, 2007, p. 539).

Da mesma forma, Santos e Temer (2016) citam uma pesquisa de 2013 em que a proporção do crescimento de mulheres nas redações jornalísticas dos Estados Unidos não resultou em carreiras de prestígio ou cargos de chefia. E atribuem esta discrepância ao fato de serem homens os chefes que distribuem as pautas das redações. Na análise, “apesar da presença majoritária da mulher nas redações, persistem na imprensa algumas discrepâncias, particularmente na ocupação de cargos de chefia. E isso pode influenciar na cobertura, pois são os líderes que distribuem o trabalho de reportagem nas redações” (SANTOS; TEMER, 2016, p. 39).

Além disso, Gutiérrez (1985) destaca o surgimento de um novo problema na

vida da mulher moderna: a dupla jornada de trabalho. “Mas o segundo sexo continua a ser secundário, pois o trabalho doméstico ainda é uma atribuição da mulher. São as mulheres, portanto que denunciam a “dupla jornada” de trabalho” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 20).

Quando se trata do machismo em ambiente de trabalho, com o auxílio da extensa pesquisa de Bennett (2018), faz-se luz sobre comportamentos incômodos que antes mulheres já sofriam, mas não tinham como classificar. O primeiro deles é a penalização de mulheres por terem comportamento competitivo, quando em homens, essa é uma característica admirável. Heilman e Chain (2005) analisaram o comportamento altruísta de homens e mulheres e concluíram que “ser prestativa é central para as prescrições de estereótipo de gênero feminino, que ditam que as mulheres sejam mais carinhosas e socialmente orientadas (comunais) do que competitivas e orientadas para conquistas”¹⁶ (EAGLY; MLADINIC, 1989; EAGLY; STEFFEN, 1984; HEILMAN, 2001 *apud* HEILMAN; CHAIN, 2005, p. 431).

A pesquisa também indica que ocorre penalização das mulheres que divergem deste comportamento ou quando recusam o papel de serem prestativas: “Há evidências de que as mulheres são avaliadas desfavoravelmente em comparação com os homens quando eles se envolvem em comportamentos masculinos estereotipados, como usar estilos de liderança autocrática ou diretiva”¹⁷ (BUTLER; GEIS, 1990; EAGLY; MAKHIJANI; KLONSKY, 1992 *apud* HEILMAN; CHAIN, 2005, p. 431).

Ridicularizar uma mulher ou chamá-la de agressiva e atribuir tal fato ao ciclo menstrual também é uma atitude machista. Conforme o jornalista Adam Cole (2015) descreveu em artigo¹⁸ para a *National Public Radio*, respondendo a dúvidas referentes à menstruação para mulheres astronautas, notou que o tema foi objeto de estudo pelo programa norte americano *Women in Space*, que, em 1964, sugeriu que “colocar uma mulher temperamental com uma máquina complicada (fogete

¹⁶Frase original em inglês: “*Being a helper is central to female gender stereotype prescriptions, which dictate that women be nurturing and socially oriented (communal) rather than competitive and achievement oriented (agentic)*”. Tradução da autora.

¹⁷Frase original em inglês: “*There is evidence that women are evaluated unfavorably as compared with men when they engage in stereotypic male behaviors such as using autocratic or directive leadership styles*”. Tradução da autora.

¹⁸COLE, Adam. **What Happens When You Get Your Period In Space?** National Public Radio, Washington, set. 2015. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/health-shots/2015/09/17/441160250/what-happens-when-you-get-your-period-in-space>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

espacial), era uma má ideia”. Assim como mulheres tendem a ter seu comportamento agressivo ligado a estereótipos femininos, como TPM, menstruação, ou ainda a fatores emocionais, os homens são vistos como competitivos, e esforçados (WILLIAMS; DEMPSEY *apud* BENNETT, 2018). Como aponta Gutiérrez (1985), ao reparar as peculiaridades do movimento feminista: “Se as mulheres estão agindo de forma diferente, tanto em suas vidas particulares quanto no mundo, no trabalho fora de casa, é porque começaram a despertar. A luta é árdua e difícil porque se faz principalmente no interior das consciências” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 36-37).

Outro estudo, conduzido pelo Programa de Mulheres e Políticas Públicas de Harvard, levou Vesterlund, Babcock e Weingart (2013) a concluir que as mulheres são mais suscetíveis do que homens a assumirem tarefas que não as levam à promoção, e também de que mulheres executivas têm mais chances de assumirem a frente de uma organização quando o negócio está a ponto de falir e, depois de não conseguirem resolver o problema, serem criticadas ou demitidas (BENNETT, 2018), ato que as três autoras de Harvard nomearam como “A Síndrome do Teto de Vidro”.

Outra definição para esse tipo de represália social baseada em gênero e que ocorre no meio corporativo foi estudada e definida como o efeito de *backlash*, definido por Rudman (1998) como: “represálias sociais e econômicas pelo comportamento contra estereotipado”¹⁹ (RUDMAN, PHELAN, 2008, p. 4).

Há de se salientar que existem as mais diversas formas de machismo dentro das relações de trabalho, como o ato de não empregar mulheres jovens pelo risco de engravidarem (CORRELL; BENARD; PAIL, 2007); escolher para uma vaga de emprego o candidato homem em vez da mulher, mesmo que tenham as mesmas atribuições ou inferiores (IBGE, 2018); ou, ainda, no campo do jornalismo, a prática de excluir repórteres mulheres para pautas consideradas perigosas para as redações, apontadas por Bruschini (2007).

Esses casos tratam do machismo em sua forma quase imperceptível, mas não por isso menos incômoda para todas as mulheres. Em ampla pesquisa pelos

¹⁹Frase original: “*Social and economic reprisals for behaving counterstereotypically*”. Tradução da autora.

Estados Unidos, Babcock e Laschever (2007) descobriram importantes estatísticas²⁰ sobre a dificuldade que as mulheres sentem ao negociarem um aumento. Além disso, mulheres relatam expectativas salariais entre 3 e 32% inferiores às dos homens para os mesmos empregos; enquanto os homens esperam ganhar 13% a mais do que as mulheres durante o primeiro ano de trabalho em período integral, e 32% a mais quando alcançarem o auge de suas carreiras. No Brasil, Santos e Temer (2016) comprovam essa discrepância: nos anos 2000, as jornalistas brasileiras recebiam 5% menos que seus colegas homens (SANTOS; TEMER, 2016).

À luz destes dados, Roso *et. al.* (1999) destacam que as mudanças e o crescimento das mulheres no mercado de trabalho não necessariamente andam em conjunto com a diminuição da discriminação:

Em se tratando de discriminação, são as mulheres as mais tradicionalmente prejudicadas em todas as áreas, embora as sociedades estejam experimentando mudanças drásticas nos papéis de gênero. Mas, essas mudanças podem ser simplesmente novas maneiras de invisibilizar a discriminação, permanecendo o núcleo e a base das relações inalteradas. (ROSO *et al.*, 1999, p. 11)

Para ilustrar exemplo específico do jornalismo, Silva (2010), a fim de entender o impacto das concepções de gênero dos jornalistas na produção de notícias, realizou uma ampla pesquisa etnográfica na qual se deparou com um tema recorrente nas redações brasileiras: a falta de reconhecimento da mulher como autoridade. Silva (2010) utilizou o método de pesquisa etnográfica, no qual se inseriu dentro da redação de uma emissora de TV para acompanhar o processo de produção das notícias. A autora defende o uso do método escolhido para verificar a forma que a cultura machista arraigada na sociedade também se perpetua no jornalismo:

O propósito desta pesquisa foi o de perceber a criação de significados que estão imbricados tanto na cultura da sociedade geral quanto na cultura específica de uma “tribo”, a dos jornalistas. Mais especificamente, analisar as concepções de gênero dos jornalistas percebendo se e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem na reprodução, manutenção, ressignificação ou transformação de padrões de desigualdade,

²⁰BABCOCK, Linda; LASCHEVER, Sara. **Women Don't Ask: Negotiation and the Gender Divide.** Womendontask.com. United States, 2007. Disponível em: <<http://www.womendontask.com/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

e se expressam a existência da heteronormatividade no jornalismo. (SILVA, 2010, p. 67)

Um dos casos que Silva (2010) traz é o da jornalista Kátia (os sujeitos interlocutores foram tratados por pseudônimos pela pesquisadora), que concorria a um cargo de chefe interino junto a um colega homem na RBSTV. Kátia tinha uma posição superior à do colega, mas, mesmo assim, os dois eram qualificados para assumir interinamente a posição superior de editor-chefe. No diário de campo da pesquisadora, está registrada a percepção de que nenhum dos dois jornalistas queria assumir o cargo e, portanto, não o estavam disputando. Silva (2010) analisou algumas diferenciações de gênero através do desconforto que Kátia passou quando se viu em uma posição de disputa de cargo. Ela teve de assumir a função - ainda que contra a sua vontade:

Com o tempo, ficava mais evidente o desconforto de Kátia no exercício da função.

Pelo que pude observar, esse desconforto partia tanto do inesperado da situação [a promoção provisória de Kátia] quanto do não reconhecimento de sua autoridade como chefe, creditadas por ela ao fato de não se encaixar num perfil de atributos valorizados na empresa e pelos colegas. (SILVA, 2010, p. 108)

Esta diferenciação e discriminação que ocorre com as mulheres é relativamente contrária ao crescimento da corporação. Paustian-Underdahl, Walker e Woehr (2014) demonstram, em estudo de gênero e percepção de efetividade de liderança, que “as empresas fazem mais sucesso quando contratam mulheres [...] são líderes mais eficazes, têm menor chance de assumir riscos desnecessários, são multitarefas e têm maior inteligência emocional” (BENNETT, 2018, p. 28). Apesar dessas análises, também há de se apontar que muitos desses feitos atribuídos às mulheres ocorre pela obrigação que a mulher tem em ser mais esforçada para obter cargo de prestígio (BENNETT, 2018).

Conforme exemplificam Morais e Dantas (2011), o movimento feminista não tem em sua pretensão favorecer mulheres ou concedê-las algum tipo de privilégio, o foco é conceder iguais condições e direitos. “Não se pretende eleger (nem empregar) mulheres por serem mulheres, mas impedir que não sejam eleitas por esta mesma razão” (MORAIS; DANTAS, 2011, p. 16).

No Brasil, em pesquisa realizada em 2017 pela Apex Conteúdo Estratégico²¹, constatou a predominância masculina nas redações brasileiras, em 58,2%, ocupando as mulheres 41,8% do total de profissionais.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), juntamente com a Gênero e Número e o Google News Lab (2017), realizaram uma pesquisa²² para contabilizar e expor o problema enfrentado por mulheres jornalistas no Brasil. O estudo entrevistou mais de 500 profissionais de 271 veículos diferentes no país. O estudo concluiu que 73% das mulheres afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no seu ambiente de trabalho; 92% afirmam ter ouvido piadas machistas no ambiente de trabalho; 46% apontam que os locais de trabalho não possuem canais de suporte para receber denúncias de assédio e discriminação de gênero; 64% das jornalistas que responderam já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes. Esse estudo sustenta algo que Silva (2010) pôde observar na prática: “Observando-os no cotidiano, num primeiro momento, as piadas entre eles, muitas vezes de cunho estereotipado ou de conotação sexual, chamaram atenção [...] o “coração da empresa” era um lugar do ‘politicamente incorreto” (SILVA, 2010, p. 99).

Quanto ao assédio não verbal, que foi comentado no subcapítulo 2.2 desta monografia, a pesquisa da Abraji *et al.* (2017) observou que 83,6% das mulheres jornalistas que responderam à pesquisa já sofreram algum tipo de violência psicológica nas redações. Este dado sustenta a frequência do ato e reforça a importância do estudo e abordagem do machismo até pouco tempo despercebido e sutil, o qual esta pesquisa de conclusão de curso aborda.

O estudo da Abraji *et al.* (2017) vai além: 65,7% das entrevistadas afirmaram que tiveram sua competência questionada ou perceberam que uma colega teve a competência questionada por outro colega ou superiores, o que Bennett (2018) ilustra com base na obra de Sandberg (2013): “os homens têm mais chances de perceberem o seu trabalho melhor do que realmente é” (BENNETT, 2018, p. 77).

70,4% das jornalistas admitiram já terem recebido cantadas que as deixaram desconfortáveis no exercício da profissão e 70,2% já presenciaram ou tomaram

²¹COMUNIQUE-SE; APEX, Conteúdo. **Perfil do Jornalista Brasileiro**, 2018. Disponível em: <<https://conteudo.apexconteudo.com.br/perfil-do-jornalista-brasileiro-86ddc2a211bf93213008>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

²²ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO; GOOGLE NEWS LAB. **Mulheres No Jornalismo Brasileiro**. 2017. Disponível em: <<http://mulheresnojornalismo.org.br/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

conhecimento de uma colega sendo assediada em seu ambiente de trabalho. Este tipo de comportamento também pôde ser percebido por Silva (2010) em sua análise:

Kátia fala dos desconfortos sentidos por ela quando no exercício da chefia por se entender percebida pelos outros não como uma chefe, uma autoridade, mas sim por outros papéis associados à sua condição de mulher - mãe, parceira, alguém para transar. (SILVA, 2010, p.110)

Por fim, o último dado da pesquisa realizada pela Abraji *et al.* (2017) relevante para esta análise conclui que 75,3% das jornalistas que participaram já ouviram, no exercício da profissão, um comentário ou elogio sobre sua vestimenta, corpo ou aparência que as deixou desconfortáveis.

Em um caso recente, a repórter da Bandeirantes Bruna Drews processou, em janeiro de 2019, o apresentador José Luiz Datena por assédio sexual²³. A repórter, assumidamente homossexual, afirma que o âncora teria dito a ela que “não precisaria emagrecer porque já era gostosa” e também que já havia se masturbado pensando nela e ainda “achava um desperdício que ela namorasse outra mulher”.

No dia 23 de março de 2019, a apresentadora da Rede Vanguarda, afiliada da Rede Globo São Paulo, Michelle Sampaio, desabafou nas redes sociais²⁴ sobre o desligamento que recebeu da empresa depois de não ter conseguido retornar ao peso que sustentava antes da gravidez. Mesmo que a própria jornalista não tenha considerado a demissão motivada por preconceito, sua demissão pode estar relacionada com a aparência, visto que afirmou ter sofrido pressão por parte da emissora para voltar ao peso que tinha antes da gestação.

Sobre estereótipos das mulheres na televisão, a revista *Time* (2015) publicou um artigo²⁵ a que Bennett (2018) se refere como a Lógica da Mulher Invisível, por meio da qual mulheres atrizes de Hollywood são vistas como velhas e acabadas aos 30 anos, e os homens grisalhos são vistos como distintos (BENNETT, 2018). Esse artigo em relação com o caso da repórter Michelle Sampaio reforça o estereótipo feminino da mulher ocupar cargos em função da beleza e não se adequar mais a tal

²³CASTRO, Daniel. **Repórter Processa Datena por Assédio Sexual; Apresentador Diz Que É 'Delírio'**. UOL, São Paulo, 2019. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reporter-processa-datena-por-assedio-sexual-apresentador-diz-que-e-delirio-24399>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

²⁴REDAÇÃO. **Apresentadora da Globo É Demitida Por Ficar Gorda Depois de Gravidez**. UOL, São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2JAxSSD>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

²⁵TIME LABS. **Hollywood's Glaring Gender Gap**. Califórnia, outubro, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2HgyXxj>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

cargo por consequência do mesmo fator. E conforme reforça a pesquisa da Abraji *et al.* (2017), mesmo mulheres apresentam esse tipo de julgamento e comportamento. Uma das entrevistadas (anônima) afirma ter ouvido de uma chefe mulher que “vestisse decote e usasse o corpo a seu favor” (ABRAJI, 2017, p. 35).

O *blog do Knight Center for Journalism in The Americas* da Universidade de Austin, no Texas, publicou uma notícia²⁶ a respeito do relatório Mulheres Jornalistas e a Liberdade de Expressão, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que afirma que as mulheres jornalistas são “duplamente suscetíveis a serem vítimas de violência no continente americano por exercerem seu direito à liberdade de expressão e por razões de gênero” (HIGUERA, 2019).

Este subcapítulo apresentou exemplos de machismo no mundo do trabalho e também no jornalismo, contextualizando com os números de mulheres nas redações, e também com a pesquisa realizada pela Abraji em parceria com a Google News Lab e a Gênero e Número (2017), especificamente sobre assédio sexual no ambiente de trabalho.

3.2 MACHISMO NO JORNALISMO ESPORTIVO

“O futebol pode ser entendido como um dos complexos de rituais de iniciação, que abrem acesso à virilidade adulta”. (SOUZA, 1996, p. 46)

Focado no jornalismo esportivo, este subcapítulo se encarrega de abordar a estrutura social que remete os homens ao mundo esportivo desde meninos; e às meninas, aos afazeres domésticos. Também serão apresentados exemplos de assédio e estudos dentro do mundo do jornalismo.

O futebol é naturalmente associado à masculinidade nas complexas construções sociais que formam a cultura brasileira. Conforme Goellner (2005), o futebol está ligado à masculinidade e esta seria uma característica contrária ao gênero feminino, e, logo, a naturalização do estereótipo de feminilidade:

²⁶HIGUERA, Sílvia. **Violência Contra Mulheres Jornalistas Aumenta Nas Américas, Diz Relatório da CIDH**. Knight Center for Journalism In The Americas. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2VYc2iu>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e o as lutas. (GOELLNER, 2005, p. 143)

Sendo o produto jornalístico que mais vende no país, dados da Apex Conteúdo Estratégico mostram que a editoria de esportes é a que abriga o maior número de jornalistas: 8,3% dos 266 profissionais entrevistados.

Na trajetória do radiojornalismo, as mulheres, como apontam Provenzano e Santuário (2009), tiveram atuação fundamental nos gêneros de radionovela e radio teatro. A participação feminina em programas esportivos foi um marco em 1971, na Rádio Mulher, cujo slogan foi “A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos” (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009, p. 6). A primeira mulher do departamento de esportes da Rádio Gaúcha foi contratada em 1970: Rita Campos Daudt em entrevista para Provenzano e Santuário (2009) disse que sentia de forma evidente o machismo e tinha por vezes a profissão restringida:

Alguns repórteres de esporte do rádio eram bem machistas e, por conta disto, o Ary [chefe de esportes] sempre me escalava junto com o Cláudio Brito, a quem delegava a tarefa adicional de me cuidar dos lobos. Eu era uma menina, recém tinha entrado na faculdade. (DAUDT *apud* PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009, p.7)

No telejornalismo, os jornalistas profissionais se deparam com exigências relacionadas à aparência física: limite de peso, cor de cabelo e cor de esmalte são fatores que limitam a vida e escolhas de uma repórter. Como estudou Silva (2010), as práticas de gênero na redação perpetuam relações de poder e práticas machistas, permeadas por concepções de gênero:

Foi nos meandros destes relacionamentos que com o tempo pude entender que ali estavam em jogo convenções de gênero que foram se mostrando constituintes das relações de poder, das hierarquias e da distribuição de prestígio entre eles [jornalistas da redação]. (SILVA, 2010, p. 99)

Em sua análise, Silva (2010) analisa o quanto as questões de gênero são constitutivas nas instituições e organizações, como responsabilidade para além do sujeito, e as relaciona com a formação de hierarquias. Ela aponta, ainda, o tipo de machismo abordado por Bennett (2018) e que foi mencionado anteriormente: a

diferença de liderança entre homens e mulheres.

Apesar de ter se autodefinido como diferente de Queirós no desempenho da função de chefia, Antônio parecia ter características mais impositivas e de mando mais evidentes que Kátia, que demonstrava uma postura mais horizontal na condução do processo. (SILVA, 2010, p. 104)

A situação era de que Queirós, editor-chefe de um programa da grade da RBSTV, iria sair de férias e havia duas possíveis escolhas entre jornalistas para assumir a direção do programa. Como já foi mencionado anteriormente, Kátia, por fim, recebeu o cargo de forma temporária, mesmo sem parecer interessada na função e sem bonificação financeira. Silva (2010) retrata o claro desconforto da jornalista e a sua necessidade de não confrontar o estereótipo feminino e ser rechaçada por isso, o *backlash*.

Kátia parecia querer deixar claro que não estava disputando aquele cargo, e com isso amenizar os tensionamentos que surgiam em decorrência da nova função. [...] Afirmava que a verticalidade e a pouca abertura são as insígnias mais valorizadas não só na empresa, mas também no Brasil, ao lado de outros atributos que descreveu como distintos dos seus, mas fundamentais para a ocupação dos cargos de poder. (SILVA, 2010, p. 109)

De acordo com o levantamento da Apex Conteúdo Estratégico, o número de mulheres na televisão quase equivale ao número de homens: elas são 49,9% enquanto eles são 50,1%. Santos e Temer (2016) informam que nos Estados Unidos “a mulher é atualmente a maioria, na condição de estudante de jornalismo e de jornalista” (SANTOS; TEMER, 2016, p. 41).

A pesquisa da Abraji confirma a chefia masculina. Na editoria de Esportes, homens ocupam 65% dos cargos de chefia e um total de 84,7% na editoria. Porém, a pesquisa mostra a supremacia feminina na editoria de economia, o que as autoras definem como “que as mulheres têm conquistado posições antes consideradas domínios masculinos” (ABRAJI *et al.*, 2017, p. 9).

A pesquisa também exemplificou casos machistas que ocorrem dentro das redações, como o questionamento da competência da mulher. Uma das entrevistadas do grupo focal, um dos métodos que a pesquisa se utilizou para colher dados, compartilhou a experiência negativa de ser questionada pelo chefe se a obtenção da pauta foi mérito dela, pois parecia complicada demais para uma mulher (ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO, 2017).

Quanto ao *fiscal da menstruação*, termo utilizado por Bennett (2018) para designar homens e mulheres que atribuem o mau humor, queda de desempenho ou falta de carisma de uma mulher ao ciclo menstrual, ele existe e as entrevistadas do estudo da Abraji *et al.* (2017) relatam a atribuição de estereótipos às mulheres relacionados às ideias de sensibilidade, fragilidade, instabilidade emocional excessiva e incapacidade de lidar com temas determinados. Isso resulta na desvalorização do trabalho das mulheres. “Homem chefe descontrolado é porque está tentando resolver algum problema. Mulher descontrolada é maluca, está de TPM” (MAZOTTE *et al.*, 2017, p. 14).

O estudo traz também informações sobre o assédio sexual coletivo, isto é, escondido atrás de piadas, como forma de homens interagindo e socializando uns com os outros às custas da dignidade das colegas mulheres. Este tipo de assédio torna o ambiente um local de cumplicidade masculina, como afirmam as autoras, e normalidade, o que torna a denúncia ou reação negativa difícil e penosa (ABRAJI *et al.*, 2017).

Dentro desta perspectiva de assédio e desigualdade de gênero, a jornalista de moda Juliana de Faria criou a ONG feminista Think Olga em 2013, que propõe que a desigualdade de pautas e direitos nas redações está intimamente relacionada ao fato de não haver tantas mulheres em cargos de chefia. Como aponta a jornalista esportiva e colaboradora do site, Olga Bagatini:

A ausência de jornalistas mulheres em cargos de chefia no esporte também prejudica o combate à desigualdade da área. Primeiro, porque sem mulheres como figura de referência nas redações, muitas pautas sobre atletas, modalidades femininas e até mesmo sobre igualdade de gênero acabam sendo barradas por editores. (BAGATINI, s/d [2019])

O mesmo artigo do site cita, ainda, o caso de uma jornalista que teve de dividir com um colega homem o crédito de uma matéria na qual ela havia conseguido o furo jornalístico, o que confirma aquilo que Haynes e Heilman (2013) declaram sobre mulheres terem tendência a ceder mais crédito, ou atribuí-lo à sorte, trabalho duro ou ajuda de alguém, e quando não querem ceder, são forçadas a fazê-lo mesmo assim.

A pesquisa de Haynes e Heilman (2013) também afirma que as mulheres concedem o crédito com mais facilidade em trabalhos colaborativos, e o fazem pelo medo de parecerem arrogantes. Smith e Huntoon (2013), em uma pesquisa na

Universidade de Montana, nos Estados Unidos, colocaram um anúncio para um artigo, pedindo para que mulheres compartilhassem seus sucessos e realizações no ensino, na pesquisa ou na vida familiar. As pesquisadoras se espantaram em não receber nenhuma resposta, e ficaram mais surpresas com as respostas que receberam de mulheres que relatavam os feitos de outras mulheres.

A ideia de que a mulher tem mais dificuldade em assumir seus feitos motivou o estudo, que concluiu que “carreiras profissionais e puristas acadêmicos nos Estados Unidos muitas vezes exigem que as pessoas se auto promovam a fim de alcançar o sucesso. Portanto, a confirmação de normas de modéstia pode impedir que as mulheres avancem ou tenham sucesso”²⁷ (SMITH; HUNTOON, 2013, p. 2). Aparece aqui, novamente, o conceito de *backlash*: mulheres sofrem represálias caso tenham comportamento diferente do esperado (estereotipado). Smith e Huntoon (2013) completam: “Como se espera que as mulheres sejam altruístas, espera-se que elas defendam os outros em vez de defender elas mesmas”²⁸ (SMITH; HUNTOON, 2013, p.3).

O site da ONG Think Olga também aponta uma problemática comum às mulheres que optam por trabalhar na editoria de esportes: a necessidade de constante provação de seu conhecimento de futebol. A repórter do Esporte Interativo Monique Danello, em entrevista para o UOL Esporte citada pelo artigo²⁹ em Think Olga, denuncia o machismo entre os próprios colegas de redação: “A gente fala de preconceito e ofensas nas redes sociais, mas isso acontece entre colegas, sente isso de um colega para a gente. As mulheres estão sempre sendo colocadas à prova” (DANELLO, 2018). Esta prática entre colegas jornalistas se faz presente nos casos analisados nesta monografia, o machismo enraizado na cultura e o *manterrupting* e *mansplaining* ao vivo.

Este subcapítulo tratou do machismo no jornalismo esportivo e trouxe também estudos que mostram outras questões relativas a discriminação e assédio no ambiente de trabalho.

²⁷Frase original: “Professional careers and academic purists in the United States often require that people self-promote in order to achieve success. Therefore, conforming to modesty norms may prevent women from advancing or succeeding”. Tradução da autora.

²⁸Frase original: “Because women are expected to be selfless, they are also expected to advocate for others rather than for themselves.” Tradução da autora.

²⁹DANELLO, Monique. **As Barreiras das Mulheres no Jornalismo Esportivo**. [Entrevista cedida a] Olga Bagatini. Think Olga. Disponível em: <http://bit.ly/2E6i4DD>. Acesso em: 09 abr. 2019.

3.3 FEMINISMO ONLINE OU *WEB FEMINISMO*

Este subcapítulo trata da terceira onda feminista, conhecida por ganhar ampla difusão nas redes sociais, e a sua relevância para o alcance do movimento de forma plural e com linguagem coloquial. O capítulo também aborda a importância do fator simbólico da nomeação de comportamentos e ações, com base em Bourdieu (1999).

O feminismo que abre caminhos para discussões na internet é um fenômeno característico da terceira onda feminista e que se popularizou com a diversidade de plataformas de redes sociais. Boix e Miguel (2013) apontam para a importância da internet no ciberfeminismo:

A internet se converteu em um elemento essencial para difundir informação, trocar opiniões, coordenar estratégias e realizar ações com a intenção de construir um mundo mais justo e igual. E o feminismo, que tem muito com que contribuir neste terreno, já é consciente disso. (BOIX; MIGUEL, 2013, p. 40)

Uma grande rede que se pode citar é o *YouTube*, plataforma de vídeos criada em 2005. Um dos marcos da propagação do feminismo na internet brasileira foi o *Blogueiras Feministas*, *blog* colaborativo criado durante as eleições presidenciais de segundo turno em 2010. Como apresenta Ferreira (2015), o *blog* surgiu a partir de uma lista de e-mails que passou a ser um endereço *Wordpress* alimentado de maneira colaborativa e difundido nas redes sociais (*Google, Facebook, YouTube, etc.*). O *blog* teve a missão de propagar as ideias feministas e desconstruir padrões machistas, como afirma Ferreira (2015, p. 209): “*Blogueiras Feministas*, suas redes de difusão e suas interações no âmbito digital são um campo privilegiado para investigar questões relacionadas à experiência geracional do feminismo no Brasil”.

Uma das personalidades destacadas no contexto de feminismo online surgiu na plataforma do *YouTube* ao abordar temas relacionados especificamente às mulheres. Julia Tolezano, conhecida pelo canal *Jout Jout Prazer*, publicou em fevereiro de 2015 o vídeo *Não Tira o Batom Vermelho*³⁰, no qual falava abertamente sobre relacionamentos abusivos e temas delicados como depressão. Até a presente data, ano de 2019, o vídeo conta com mais de três milhões de visualizações e ela se tornou uma porta-voz de temas feministas na plataforma de vídeos.

³⁰ PRAZER, Jout Jout. **Não Tira o Batom Vermelho**. YouTube. Publicado em: 26/05/15. Disponível em: <<http://bit.ly/2HiGeN5>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

O ativismo online é importante principalmente porque penetra diretamente em nichos de audiência e usa linguagem coloquial, próxima da audiência. Apesar da TV ter maior alcance, a internet possui linguagem diversa e chega a mulheres que estão mais distantes do tema, dadas as possibilidades cada vez maiores com os celulares e aplicativos. As redes sociais ajudam a levantar discussões e, por meio de eventos, criar passeatas, marchas e protestos. Este foi o caso da Marcha das Vadias, iniciada em 2011 no Canadá³¹, como forma de protesto das estudantes da Universidade de York em Toronto que, após sofrerem com uma epidemia de estupros no campus, ouviram do policial que investigava o caso que não deveriam se vestir como “vadias” para não serem vítimas. A marcha tem como princípio quebrar o tabu de culpabilização da mulher pelo seu próprio estupro, e, naquela ocasião, contou com mais de três mil mulheres.

No Brasil, a marcha ocorreu no mesmo ano em São Paulo e, posteriormente, em vários lugares do Brasil, para informar e engajar outras mulheres. As criadoras formaram um evento no *Facebook* que teve mais de cinco mil presenças confirmadas, de acordo com a Folha de S. Paulo³². A caminhada, porém, contou com a presença de apenas 300 mulheres, como afirmou a Polícia Militar à Folha de S. Paulo.³³ O maior impacto se deu na conscientização acerca deste problema. Quanto mais mulheres conscientes de seu corpo e de que a culpa do assédio não é da vítima e somente do agressor, mais batalhas o feminismo ganha. Como afirmam Dieminger e Oliveira (2015), a internet facilitou “a interconexão das mulheres, e, por conseguinte, a conscientização destas acerca da violência que sofrem” (DIEMINGER; OLIVEIRA, 2015, p. 3).

A internet e sua utilização pelo feminismo proporcionaram à mulher a possibilidade de produzir conteúdo de forma independente da mídia tradicional, organizar o movimento, respeitar suas interseccionalidades e alcançar mais mulheres. Como aborda Solnit (2017), há de ser uma luta particular de mulheres porque o estupro e o assédio são violências baseada em gênero: “A violência não tem raça, nem classe, nem religião, nem nacionalidade; mas tem gênero” (SOLNIT,

³¹MARCHA DAS VADIAS. **Por Que Vadias?** s/d. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2JB6wvG>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

³²COTIDIANO. **São Paulo Recebe a Marcha das Vadias no Sábado.** Atualizada em 03/06/11. Folha de São Paulo Digital. Disponível em: <<http://bit.ly/30kqG2G>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

³³SASSAKI, Raphael. **Marcha das Vadias Leva 300 Pessoas Para a Av. Paulista.** Atualizada em 04/06/11. Folha de São Paulo Digital. Disponível em: <<http://bit.ly/2vS80JU>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

2017, p. 33).

Outro exemplo que mostra a importância das redes sociais para o movimento feminista é a *thread*³⁴ lançada no Twitter, mencionada no subcapítulo 2.2 desta monografia, na qual as mulheres relataram seus casos de *mansplaining*. É a partir também de relatos em redes sociais e do engajamento de outras mulheres que se torna possível a criação de nomes para atos machistas como forma de resistência simbólica e de apontamento de um problema social, como afirma Bourdieu (1989, p. 147):

A nomeação oficial, ou o título que, como o título escolar, vale em todos os mercados e que, enquanto definição oficial da identidade oficial, subtrai os seus detentores à luta simbólica de todos contra todos, dando acerca dos agentes sociais a perspectiva autorizada, reconhecida de todos, universal.

De acordo com Bourdieu (1989), a nomeação é uma imposição simbólica que “tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum” (BOURDIEU, 1989, p. 146), o que esclarece a força do ato simbólico de denominar ações, como nos casos de *mansplaining* e *maninterrupting*, estudados nesta monografia. Para Werba e Carvalho (2018), a capacidade de simbolizar palavras é exclusivamente humana e é através delas que se atribui significado e compreensão sobre o meio em que se vive: “através do conhecimento detêm-se o saber, por meio de novos constructos é possível questionar a realidade, e por fim, criar a própria ideologia” (WERBA; CARVALHO, 2018, p. 6).

Foi através das redes sociais que ambos os casos a serem analisados no capítulo 4 desta monografia (caso Sandra Annenberg e caso Duda Streb), que debates acerca do assédio e machismo por parte de colegas de trabalho entraram em evidência, e também foi graças a forte repercussão que, em um dos casos, houve um pedido de desculpas ao vivo.

Para Celmer (2010), a violência simbólica presente nas relações de gênero da sociedade é entendida como:

expressões de crenças historicamente construídas para fundamentar relações de dominação, e a peculiaridade dessa forma de violência é que as(os) dominadas(os) são parte essencial na reprodução das situações de opressão às quais estão submetidas(os). (CELMER, 2010, p. 73)

³⁴ *Thread* significa sequência de *tweets* indicada graficamente pelo Twitter por meio de uma linha vertical que liga as mensagens.

Esta definição vai ao encontro da compreensão de Bourdieu de que as mulheres são constituídas socialmente como objeto de dominação masculina:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 1999, p. 82)

Essa compreensão é importante para esta pesquisa pois explica a constituição do pensamento machista como fenômeno cultural. Também com as pesquisas de Bourdieu (1998) sobre violência simbólica, é possível compreender o ato de nominar ações para compreendê-las como fator social.

Este subcapítulo abordou a temática do ciberfeminismo, também conhecido como feminismo *online*, *web* feminismo e ciberativismo, o qual trouxe maior pluralidade para o movimento com linguagem diferenciada e uma infinidade de conteúdos, além de compreender a violência simbólica contra mulheres como fator social recorrente na sociedade.

4 ANÁLISE: O ASSÉDIO SUTIL NO JORNALISMO

Este capítulo vai analisar os casos selecionados para a pesquisa desta monografia, que são considerados pela autora como assédio sutil, e que ocorreram entre colegas jornalistas. Também será apresentada e categorizada a análise de conteúdo, bem como as inferências a respeito dos casos analisados.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 280)

Este capítulo abordará o conceito de análise de conteúdo, com base em Fonseca Júnior (2011) e Krippendorf (1990), e também vai apresentar a categorização elaborada para análise dos casos selecionados para este trabalho de monografia.

O processo de análise de conteúdo permite que o pesquisador identifique linguagens dentro do objeto de estudo, seja este texto, livro, arquivo multimídia, etc. Kientz (1973) citado por Fonseca Júnior (2011), imputa à análise de conteúdo a possibilidade do diagnóstico de pacientes pela análise de entrevistas terapêuticas, e entre outros, estudar a postura de jornais em período eleitoral. Herdada do pensamento positivista liderado por Augusto Comte (1798-1857), acreditava-se que os estudos da vida social também precisavam ser formulados sob uma base de dados sólida e sobretudo, verificável. (JOHNSON, 1997 citado por FONSECA JÚNIOR, 2011). Essa necessidade justifica-se procurando evitar a “análise de intenções e de outros fatores não quantificáveis” (ROHMANN, 2000, p. 315).

Krippendorf (1990) defende a exatidão do método para aplicação nos estudos em ciências sociais à medida que “se outros pesquisadores, em momentos diferentes e talvez em circunstâncias diferentes, aplicarem a mesma técnica aos mesmos dados, seus resultados devem ser os mesmos que os obtidos

originalmente”³⁵ (KRIPPENDORFF, 1990, p. 29). Mesmo assim, o autor discorda da visão de outros pesquisadores sobre a análise de conteúdo, e defende que as mensagens não têm um único significado e sempre será possível analisar dados a partir de múltiplas perspectivas, especialmente se forem de natureza simbólica (KRIPPENDORFF, 1990). Os casos escolhidos para esta análise são de natureza simbólica, são interpretações de ações e falas em contextos específicos entre colegas de trabalho, em ambos os casos, tidos como iguais em posição hierárquica profissional. O próprio surgimento de novos termos para nomear velhas práticas, como *mansplaining*, *maninterrupting*, *bropropriator*, etc., são explicações que surgiram a partir da análise de casos e recorrência. Por isso, o *corpus* desta pesquisa inclui, além dos diálogos entre os colegas jornalistas, também a repercussão dos casos em sites e redes sociais, para ver como essas situações foram recebidas pela audiência.

A análise de conteúdo desta monografia será realizada sobre duas ocorrências de conhecimento público e visibilidade que ocorreram entre pares, ou seja, entre colegas jornalistas que têm ou teriam a mesma hierarquia ou prestígio. Esta escolha se deu porque casos de assédio verbal e sexual ocorridos entre público com repórteres e jornalistas têm ampla repercussão e estudo, já os ocorridos entre pares, colegas jornalistas, nem tanto. Portanto, esta pesquisa se debruça sobre o comportamento de viés machista que ocorre dentro das redações entre os colegas jornalistas.

Para a análise dos casos escolhidos (Duda Streb, que foi mandada de volta à cozinha por ter dado uma opinião e Sandra Annenberg, que foi interrompida em sua explicação para Galvão Bueno explicar o que ela estava tentando dizer), a análise se fará por meio da categorização definida por Moraes (1999, p. 7), como “uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios”. Serão analisadas sete categorias para cada caso e uma categoria para inferências e desdobramentos unindo os dois casos.

As inferências são características da comunicação, com base em Laswell, citado por Moraes, em que utiliza seis questões para caracterizar a comunicação: 1) Quem fala? 2) Pra dizer o quê? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que

³⁵Frase original: “*si otros investigadores, en distintos momentos y quizás en diferentes circunstancias, aplican la misma técnica a los mismos datos, sus resultados deben ser los mismos que se obtuvieron originalmente*”. Tradução da autora.

finalidade? 6) Com que resultados? Com base nestas perguntas “se pode categorizar a análise de conteúdo com a orientação que toma em relação a essas seis questões” (MORAES, 1999, p. 4).

Na análise de conteúdo, as **inferências** são, para Fonseca Júnior (2011, p. 284), “considerada[s] uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.”.

A categoria **O programa** se dispõe a apresentar o programa escolhido para análise, contando com aspectos da data de surgimento, estilo de programa, público, características, onde é sintonizado, alcance regional ou nacional, etc. A categoria **O papel de cada um no programa** analisa as partes envolvidas no caso a ser analisado e qual a função primordial de cada um dos jornalistas dentro do contexto em que estão inseridos.

A categoria **Análise dos vídeos** explica onde estão disponíveis os materiais utilizados para análise, como foram selecionados e o que será levado em conta durante a análise. A categoria **O caso** contextualiza o fato a ser analisado e contém a transcrição do áudio e vídeo. A categoria **Redes sociais e reações da audiência** analisa como o fato foi recebido e replicado nas redes sociais, e como serviu de termômetro para a classificação, ou não, do fato como sendo uma atitude machista por parte dos autores de cada caso. A categoria **O pedido de desculpas** discorre acerca da ocorrência, ou não, de um pedido de desculpas por parte do ofensor nos casos analisados, bem como a transcrição deste, se houver.

A categoria **Reações entre os pares** analisa, dentre os envolvidos, como foi a reação de cada um dos envolvidos entre ofensor e vítima.

A categoria **Conclusões e desdobramentos** traz a conclusão da análise de ambos os casos e as inferências que seguiram cada episódio.

Para as análises, as redes sociais também servirão como peça fundamental para as inferências, pois parte-se da repercussão de cada caso para compreender sua visibilidade.

Este subcapítulo se propôs a explicar o método a ser utilizado e como será sua aplicação dentro da análise dos casos desta monografia.

4.2 O CASO EDUARDA STREB

Este subcapítulo vai analisar de forma categorizada os aspectos considerados importantes para a pesquisa. A categorização foi dividida em sete partes, a análise diz respeito ao ato de assédio sutil que Eduarda Streb sofreu ao vivo durante um episódio do programa Sala de Redação, da Rádio Gaúcha.

4.2.1 O programa

O caso será estudado em dois episódios do programa Sala de Redação, transmitido pela Rádio Gaúcha, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, sintonizada na faixa 93.7 da rádio AM/FM. O programa é definido pela emissora RBS³⁶ como o de debates esportivos mais antigo que continua no ar. Foi criado em 1971 por Cândido Norberto dos Santos (1926 - 2009) e, inicialmente, contava com três horas de duração e era voltado à entrevistas e leitura de notícias gerais do jornal Zero Hora, da mesma emissora. O programa passou por reformulações e originou programas como o Chamada Geral e o Esportes ao Meio-Dia, ficando o Sala de Redação como único que fomenta debates sobre os dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional, conhecidos como “a dupla Grenal”.

O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 13h às 14h30, com duração média de 1h30. Em 2014, passou a ter edições transmitidas ao vivo no site da emissora e, em 2016, a Rádio Gaúcha inaugurou o Gaúcha Sports Bar em Porto Alegre, bar esportivo que conta com uma mesa de transmissão para colaborações eventuais de fora do estúdio. Atualmente, a programação da Rádio Gaúcha e do Sala de Redação podem ser acessadas pelas plataformas: *YouTube*, *Facebook*, *SoundCloud* e site oficial da empresa.

Alguns grandes nomes do jornalismo esportivo gaúcho passaram pelo programa, como Ruy Carlos Ostermann, Paulo Sant’Ana, Lauro Quadros, Wianey Carlet e o narrador Cacalo. No quadro de jornalistas e comentaristas fixos do programa estão, atualmente, Pedro Ernesto Denardin, como mediador e âncora, Adroaldo Guerra Filho, conhecido como Guerrinha, Maurício Saraiva, Diogo Olivier e Gustavo Manhaga. O programa tem como característica abrir espaço para

³⁶QUEM SOMOS. **Nossa História**. Grupo RBS. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2JBNm8N>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

torcedores da dupla Grenal participarem dos debates ao vivo. Atualmente, fazem esta participação o vocalista da banda Acústicos & Valvulados Rafael Malenotti, como representante do Internacional, e o jornalista e comunicador da Rádio Gaúcha Duda Garbi, como representante do Grêmio. Além da bancada fixa, participam de forma esporádica os jornalistas David Coimbra e Luciano Potter.

A dinâmica do programa é intensa. Por ser opinativo, vários assuntos surgem dentro da temática do futebol ao mesmo tempo. Pode-se entrar em debates, iniciar e sair de assuntos variados e intercalar discussões. O programa também costuma comentar e responder perguntas dos ouvintes enviadas por meio do *WhatsApp* ou comentários da transmissão ao vivo via *Facebook*. Normalmente, inicia com uma pergunta de abertura enviada pelos ouvintes e, a partir daí, está aberto o primeiro debate.

Há de se salientar que o programa carrega uma carga de piadas machistas, homofóbicas e misóginas em seu passado, também por abordar futebol, que é uma temática naturalizada como masculina.

A audiência do Sala de Redação teve, em 2017, de acordo com pesquisa hora pelo Kantar/Ibope, uma média de 104.863 ouvintes por minuto, alcance máximo de 449 mil 799 pessoas, dentre elas, 79% do gênero masculino e 21% feminino. Em relação à faixa etária dos ouvintes, 46% têm 50 anos ou mais, 39% têm entre 30 a 49 anos e 15% têm idades entre 10 a 29 anos. Em 2018, a média de ouvintes por minuto foi de 97.947 pessoas, alcance máximo de 348.071, dentre estes 72% gênero masculino e 28% feminino. A idade dos ouvintes teve um aumento para 48% na faixa dos 50 anos ou mais e os ouvintes entre 10 a 29 anos também aumentaram para 19%. A faixa etária entre 30 a 49 anos diminuiu e ficou em 33%.

4.2.2 O papel de cada um no programa

No Sala de Redação, cada integrante tem a função de debater sobre futebol, mas a diferença deste programa para outros que falam de futebol na emissora é a participação de representantes dos clubes Grêmio e Internacional. A atuação destes torcedores, que não são necessariamente jornalistas, serve para colocar o ponto de vista do ouvinte dentro do debate.

Alguns nomes que já passaram pela emissora como torcedores-símbolo da dupla Grenal foram: Luciano Potter (Inter), Eduardo Bueno (Grêmio), José Victor Castiel (Inter), João Almeida Neto (Grêmio), Eduarda Streb (Inter), Paulo Sant'Ana (Grêmio), bem como ex-dirigentes da dupla Grenal, como Fernando Carvalho (Inter) e Luiz Carlos Pereira Silveira Martins, conhecido como Cacalo (Grêmio). O papel dos debatedores, representando as torcidas, compõe a força da chamada “corneta” de futebol, que é o ato dos torcedores de times rivais implicarem uns com os outros e falarem mal do time adversário, juntamente com as análises técnicas e aprofundadas dos jornalistas e comentaristas esportivos participantes, que não revelam seus times.

Eduarda Streb (1973-) é jornalista, assessora de imprensa e empresária. Trabalhou por 17 anos na RBS TV como repórter esportiva e cobriu Olimpíadas e Copas do Mundo pela emissora.

Eduardo Bueno (Peninha) (1958-) é historiador, jornalista e tradutor, escreveu livros e ficou muito conhecido pelas traduções que realizou, é declarado torcedor gremista e se tornou símbolo do Grêmio como porta-voz dos torcedores em diversos programas esportivos.

Sendo assim, os dois profissionais envolvidos no caso de assédio analisados são jornalistas de formação e estavam desempenhando naquele momento funções análogas, ou seja, como torcedores de seus respectivos times.

4.2.3 Análise dos vídeos

Os objetos de estudo são dois episódios do programa, veiculados nos dias 26 e 27 de abril de 2018. Como a emissora oferece a possibilidade de transmissão em vídeo, utilizou-se para a análise o vídeo oficial da página da Rádio Gaúcha no *YouTube*³⁷ e o segundo vídeo - que trata do pedido de desculpas - foi analisado a partir da publicação do *Facebook*³⁸ da emissora, que transmite ao vivo os programas. Constatou-se que o vídeo do dia 27 de abril de 2018 (que contém as desculpas) foi apagado do *YouTube* oficial da rádio pela empresa, assim como as

³⁷GAÚCHAZH, **Sala de Redação 26/04/18**. YouTube. Porto Alegre. Publicado em 26/04/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2H33fDE>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

³⁸GAÚCHAZH, **Sala de Redação 27/04/18**. Facebook. Publicado em 27/04/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2VxpcU4>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

faixas oficiais postadas na plataforma *SoundCloud* do dia 26 (caso) e dia 27 (desculpas) também foram deletadas.

Para a análise, utilizou-se a transcrição de trechos dos programas. Foi estipulado que as descrições de gestos ou ênfases, interrupções e manifestações que ocorrem além da fala dos envolvidos serão apontadas entre colchetes, bem como o contexto será também grifado. Privilegiando a compreensão, algumas frases sobrepostas dos debates do programa foram suprimidas para maior clareza.

O primeiro vídeo escolhido foi gravado no dia 26 de abril de 2018 e está disponível na página oficial da emissora no *YouTube*. Quanto à imagem gravada do vídeo, ficam dispostos Pedro Ernesto Denardin e Duda Streb no canto inferior esquerdo, Eduardo Bueno (Peninha) e Maurício Saraiva no quadro superior esquerdo, Guerrinha no quadro superior direito e David Coimbra participando de fora do estúdio, por *Skype*, no canto inferior direito, conforme a Figura 1. Já os presentes no estúdio encontram-se em uma mesa redonda, ficando assim, frente a frente.

Figura 1 - Disposição dos integrantes no Sala de Redação



Fonte: Página oficial *YouTube* da GaúchaZH (2019).

4.2.4 O caso

A jornalista Eduarda Streb foi convidada por meio de contrato temporário, com duração de seis meses, para ser a representante da torcida colorada no

programa em janeiro de 2018. Sua participação não foi a primeira presença feminina de forma fixa no Sala: a jornalista Kelly Costa já havia feito parte do quadro em 2016 como representante da torcida do Internacional.

É importante contextualizar que este polêmico caso envolvendo Peninha e Duda Streb ocorreu exatamente um mês após um grupo de jornalistas da RBS e da Rede Globo, encabeçadas por Bruna Dealtry, iniciarem a campanha chamada #DeixaElaTrabalhar³⁹, que teve a intenção de chamar a atenção para o assédio sofrido por mulheres jornalistas no exercício da profissão. A campanha uniu 52 jornalistas, inclusive a própria Duda Streb, profissionais que trabalham com esporte, entre elas apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de diversos veículos e emissoras. Algumas jornalistas que trabalham Rede Globo difundiram um vídeo⁴⁰ apresentando a campanha. Através de exemplos de vídeos e *prints* de ofensas proferidas às jornalistas nas redes sociais, fizeram um compilado pedindo respeito e uma camiseta com a *hashtag*. A ação ganhou ampla repercussão e foi apresentada em estádios de futebol.

A primeira ofensa machista dirigida por parte de Peninha diretamente à jornalista Eduarda Streb acontece antes mesmo de se completarem os cinco minutos iniciais do programa. Peninha desqualifica o conhecimento sobre futebol da colega com uma ironia.

O apresentador Pedro Ernesto Denardin abre a edição com a pergunta que os participantes deveriam debater no dia. A pergunta era se o goleiro gremista à época, Marcelo Grohe, merecia ser chamado para fazer parte da Seleção Brasileira. O contexto no qual se insere a pergunta é que o goleiro da seleção à época (abril de 2018) era o goleiro Alisson, que já havia jogado pelo Inter.

Sempre que um jogador ou ex-jogador de um dos clubes da dupla Grenal é convocado para a Seleção Brasileira, é um ato de prestígio, mesmo que ele não seja mais jogador dos times. Em trocas de ironias, Peninha afirma indiretamente que Duda não entende de futebol, porque a ignora e direciona a pergunta à David Coimbra, elogiando os conhecimentos de David sobre futebol, procurando isolar a colega. Duda interrompe e responde à Peninha com uma ironia, dizendo que o

³⁹GOMES, Marlise, '**Deixa Ela Trabalhar**': **Jornalistas Se Unem em Campanha Contra Assédio. Entenda!** PurePeople. São Paulo. Publicado em 26/03/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2H4Ftai>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁰TRABALHAR, DEIXA ELA, **Deixa Ela Trabalhar**. Facebook. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2W518Yn>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

goleiro atual da Seleção não é substituível, e que a pergunta do ouvinte deve se referir, portanto, às posições reservas. Outro contexto que aparece é com relação ao fato de que o goleiro Alisson, que na época defendia a Roma, havia tomado cinco gols do Liverpool. Quanto ao Grêmio, o time havia feito uma ótima partida contra o Goiás pelo Campeonato Brasileiro, vencendo por 2x0.

Transcrição do áudio a partir da resposta à pergunta de abertura do programa

Minuto 0:50 a 01:54:

Pedro Ernesto Denardin: *O goleiro gremista merece ir para a seleção Brasileira?*

David Coimbra: *Pedro, fosse eu o Eduardo Bueno, fosse eu o Peninha, eu diria o seguinte, essa pesquisa está errada. A pergunta é, a Seleção Brasileira merece o Marcelo Grohe?*

Peninha: [interrompe com um grito]. *É um espetaculoso, é um espetaculoso. Não só merece, mas como no lugar do atual titular. Qual é o título? Tu que é uma enciclopédia viva ô David Coimbra, me cite um título conquistado pelo atual titular da seleção...* [Ele faz uma provocação com relação ao goleiro Alisson, ex- Inter].

Duda Streb: *O titular não está em discussão, o titular é o 'number one' e ponto, meu amor [tom de ironia]. São outras vagas à disposição apenas ok? Dá uma olhadinha nas outras vagas, esta já está preenchida.*

Peninha: *Tu concordas, David Coimbra? Estou falando contigo que entende de futebol.* [riso, tom de piada].

David Coimbra: *Ele tomou cinco gols agora há pouco né, é preocupante.* [responde falando de Alisson]

Peninha: *Então, o número de gols que ele tomou é maior que o número de jogos que ele jogou.* [ironiza, falando de Alisson].

Duda Streb: *Tá, mas aí a gente vai pegar o quê? Liverpool, é isso? Vamos pegar os adversários, vamos falar de Goiás, o que a gente vai falar?* [Liverpool fez 5 gols em Alisson, Goiás perdeu para o Grêmio de 2x0, Duda queria com qual time eles iriam comparar a atuação do goleiro gremista Marcelo Grohe].

Peninha: *É o Goiás...*

Duda Streb: *Não, para aí, vamos ver em que mundo estamos vivendo, para aí, para tudo.*

[Risos e mudança de assunto.]

O debate muda de assunto e segue com o ingresso de Maurício Saraiva aos 3 minutos e 40 segundos de programa. Por volta dos 8 minutos, Peninha troca de assunto para falar mal do juiz da partida entre Flamengo e Santa Fé pela Libertadores da América 2018, jogo no qual o árbitro encerrou a partida em um momento de ataque do time do Flamengo que resultou em gol, que não foi validado porque o apito final havia sido concluído.

Com isso, os debatedores iniciam um tópico sobre a legislação do futebol. Maurício explicava uma análise que fez após uma anulação de gol parecida com esta do Flamengo, argumentando que pela regra do futebol, seguindo-se a lei, a

anulação era clara porque o apito final foi feito, mas que não deixa de ser uma estupidez do árbitro encerrar a partida em momento de ataque com risco de gol. Maurício ainda sustenta que o “contexto é o que faz a lei ter sentido, às vezes você vai ter que interpretar de uma determinada forma”⁴¹ (ele diz isso porque é comum que árbitros de futebol extrapolem segundos e minutos em partidas de futebol sem acréscimo oficial, dependendo do que está acontecendo).

Denardin contextualiza a fala de Maurício Saraiva de que as leis mudam conforme a realidade, utilizando-se do exemplo da mudança de prisão em segunda instância decidida pelo Supremo Tribunal Federal⁴² em 2016. Peninha interrompe o assunto para acusar Denardin de desviar o foco do programa, que é futebol. Duda Streb traz o assunto de volta aos gramados, fazendo comentários em tom de ironia contra o Grêmio. Ela diz que, para o time do Grêmio, as leis seriam mais flexíveis, o famoso “apito amigo”. É neste momento que Peninha afirma que Duda Streb deveria “voltar pra cozinha”:

Transcrição do áudio 26/04/18. Min. 9:50 a 10:28:

Peninha: *Eu faço tudo pra não deixar esses assuntos entrarem no Sala de Redação. Aqui é futebol, cara, que é uma coisa muito mais importante.*

Denardin: *Mas isso é futebol, é um chutando pra um lado e outro chutando pro outro.*

Duda Streb: *Agora no jogo do Grêmio a lei é clara, a regra é claríssima.*

Peninha (interrompe): *Pênalti... Falta dentro da área é pênalti.*

Duda Streb: *Se tiver dúvida, marque o pênalti, e não deixe de expulsar um jogador [do time adversário do Grêmio, para ajudar o Grêmio] antes do jogo terminar. Essa regra é claríssima.*

Peninha: *Quem é que convidou essa guria? Volta pra cozinha de onde tu não devia [sic] ter saído. Deixa ela trabalhar. [tom de deboche e risos]*
[Os demais riem. Duda Streb, entre risos, solta um som monossilábico de advertência.]

Duda Streb: *Olha...*

Maurício Saraiva: *Processa, processa que ele tá com dinheiro.*

Duda Streb: *Olha... (em tom de advertência) estamos gravando, atenção.*
Risos.

Duda Streb (retoma): *A regra é claríssima, não deixe... na dúvida, dê pênalti para o Grêmio. E não esqueça, expulse um jogador [do time adversário] a cada partida. [tom irônico].*

O assunto não é retomado e o programa segue com ambos os participantes cumprindo seu papel de fazer comentários irônicos e provocar o time adversário. O

⁴¹Transcrição a partir da fala de Maurício Saraiva no minuto 9:18 do Sala de Redação 24/04/18 Disponível em: SALA DE REDAÇÃO. **Sala de Redação | 26/04/2018**. YouTube. Transmitido ao vivo em: 26/04/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2H33fDE>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴²VAZ, Camila. **Julgamento Histórico: STF Muda Jurisprudência e Permite Prisão a Partir da Decisão de Segunda Instância**. Jus Brasil. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2VjZmCS>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

fato de Peninha ter empregado a frase “deixa ela trabalhar” no final da ofensa pode levar a crer que imediatamente o historiador fez-se consciente de que o comentário poderia ser interpretado como uma fala machista, ou ainda que ele insinuou que ela vá trabalhar na cozinha. Cabe ressaltar que a campanha #DeixaElaTrabalhar das jornalistas contra o assédio estava no ar há pouco mais de um mês, campanha da qual Duda Streb e várias repórteres da RBS TV participaram.

4.2.5 Redes sociais e reações da audiência

Na plataforma do *Facebook* na qual o vídeo da ofensa está disponível, conta-se, até o momento de redação desta monografia (abril de 2019), mais de 11 mil visualizações e 1.250 comentários. Dentro do universo de audiência do programa, os números de visualizações do *Facebook* se encontram dentro da média, com episódios que apontam o máximo de 24 mil visualizações e mínimo em torno de três mil.

As ofensas de Peninha rapidamente ganharam repercussão nas redes sociais. No *Twitter*, os dois *tweets* que tiveram maior repercussão foram escritos por dois homens: um foi uma sequência (*thread*) de três *tweets* cujo principal teve 103 curtidas e 32 *retweets*. O outro *tweet* que teve repercussão foi de um mestrando em comunicação e contou com 664 curtidas, 119 *retweets* e 149 comentários.

Cabe ressaltar que não foi possível ter acesso a outros meios de relação com o ouvinte/espectador que a Rádio Gaúcha utiliza, como *e-mails* e mensagens de *WhatsApp*, por exemplo, o que restringiu a pesquisa de repercussão das redes sociais às plataformas públicas.

No mesmo dia do fato (26/04/18) o portal de notícias Torcedores.com fez uma publicação repudiando o ato e compilou uma série de *Tweets* que cobravam posicionamento da emissora⁴³. O Centro de Estudos de Pesquisas em Direito e Internet (CEPEDI) também fez uma publicação chamada *Das ofensas veladas offline*

⁴³FUTEBOL. Historiador Causa Polêmica ao 'Rebater' Jornalista Colorada: 'Volta Pra Cozinha'. Torcedores. Disponível em: <<http://bit.ly/peninhapolemica>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

e reveladas online: caso Duda Streb⁴⁴, virou manchete no *Sensacionalista* (site de humor com notícias fictícias.), cuja manchete foi *Historiador Peninha decidiu viver no século 19; veja vídeo*⁴⁵. Além disso, portais e *blogs* feministas ou pró-feminismo também abordaram o fato com apelo pelo fim da violência contra mulheres. O *blog* Mulheres em Campo replicou a notícia intitulada *Machismo no futebol... Quando vocês vão parar?*⁴⁶ e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RS (SINDJORS), também fez matéria repudiando veementemente o fato⁴⁷.

A página Observatório da Discriminação Racial no Futebol fez uma publicação no dia 29 de abril com os vídeos do caso e o do pedido de desculpas de forma editada, que contou, até maio de 2019, com 223 mil visualizações, 2.284 compartilhamentos, 1.277 comentários e 2,3 mil reações. Das reações do *Facebook*, as de raiva e tristeza juntas somaram 1.176. Já no vídeo do caso, pela página oficial da Rádio Gaúcha no *YouTube*, dos 25 comentários, oito respondiam com postura também machista em relação ao ocorrido ou de apoio ao Peninha, seis que se dirigem a outro conteúdo ou tem redação confusa, e dois comentários manifestam-se contra a conduta do historiador.

Sobre replicações em vídeo, as pesquisas do *Google* encontram no mínimo 12 vídeos de conteúdo falando sobre o assunto ou replicando o vídeo oficial gravado pela emissora. O canal do *YouTube* Respirando Grêmio, que reúne amigos gremistas debatendo assuntos ligados exclusivamente ao Grêmio, dedicou um vídeo⁴⁸ ao assunto, no qual os cinco integrantes exploram o machismo e condenam a atitude de Peninha. Este vídeo se revela importante nesta pesquisa porque mostra que o debate acerca das atitudes do historiador não foram pauta apenas na roda de conversa feminista, e que torcedores homens também se sentiram incomodados com o ocorrido.

⁴⁴DIEMINGER, Carlise Clerici. **Das Ofensas Veladas Offline e Reveladas Online: Caso Duda Streb**. Centro de Pesquisas em Direito & Internet. Disponível em: <<http://bit.ly/ofensasveladas>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁵PAÍS. **Historiador Peninha Decidiu Viver no Século 19; Veja Vídeo**. *Sensacionalista*. Disponível em: <<http://bit.ly/peninhaseculo19>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁶MULHERES EM CAMPO. **Machismo No Futebol... Quando Vocês Vão Parar?** *Blog Mulheres em Campo*. Disponível em: <<http://bit.ly/quandovocesvaoparar>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁷SINDJORS. **SINDJORS Condena Agressão Machista em Programa de Rádio**. *Jornalistas-RS.ORG*. Disponível em: <<http://bit.ly/notaderepudiojornalistas>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁸Respirando Grêmio. **Respirando o Grêmio Debate o Caso Eduardo Bueno (Peninha)/ Eduarda Streb**. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wUoFte8i5RQ>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

4.2.6 O pedido de desculpas

Mesmo ciente da repercussão negativa que o caso recebeu, o Sala de Redação do dia seguinte, (27/04/18) inicia normalmente com assuntos de debate. Nota-se que Duda Streb fica mexendo no celular e sai da sala e somente retorna depois do intervalo, quando Pedro Ernesto Denardin finalmente fala do caso e introduz a fala de Peninha. Duda Streb tem o semblante visivelmente abatido. O vídeo oficial da página da Rádio Gaúcha no *YouTube* desta edição do programa foi deletado da plataforma pela emissora. Portanto, esta análise utilizará o vídeo da íntegra do programa publicado na página oficial do *Facebook* do Sala de Redação. Nota-se que o programa tem duração de 1 hora e 26 minutos e o assunto não é retomado em nenhum momento depois do pedido de desculpas.

Transcrição do áudio 27/04/18 a partir dos 37min:

Pedro Ernesto Denardin: *Nós tivemos ontem aqui no programa um episódio do Peninha com a nossa Duda Streb que acabou tendo uma repercussão nas redes sociais e, enfim, nós queríamos que o Peninha viesse aqui pra falar sobre aquilo que ele disse ontem em relação ao tratamento que teve com a nossa colega né. Então o Peninha não pôde vir, ele tem um outro compromisso, mas ele deixou uma gravação que nós vamos reproduzir agora e depois da Duda vai dar o seu depoimento em cima disso também pra gente clarear e aí terminou o assunto, passou. [Pede para o operador de áudio tocar a gravação] Peninha, por favor.*

Peninha (em áudio gravado): *Alô queridos colegas do Sala de Redação, eu sei que só fazem 24h desde que vocês me viram pela última vez mas já estão com saudades, a recíproca é verdadeira, eu adoraria estar aí com vocês, mas é que eu passei a manhã na cozinha... a manhã na cozinha, fazendo um almoço sensacional pra minha querida colega Duda Streb. Eu sei que ela sai daí com fome, que nem vocês sempre saem daí com fome, mas se vocês quiserem vão no galeto Mamma Mia [patrocinador do programa]. A Duda eu to convidando pra almoçar aqui, pra me desculpar com ela da piada que eu fiz ontem, não por causa assim do teor da piada, não, só porque a piada era muito ruim né, piada velha, piada antiquada. Mas velho o Sala de Redação também é e nem por isso é ruim né, muito bom né. A piada é antiquada que nem discutir futebol. Eu no meio da discussão ontem... Se você não ouviu eu repito, que eu gosto, eu gosto [repete com ênfase] de viver perigosamente... Disse assim: Duda, vai pra cozinha. Mas eu quero dizer que pra mim cozinha é um dos lugares mais sagrados da casa. Eu mesmo morei quatro anos em Gramado [neste momento em vídeo, Pedro Ernesto Denardin abre os braços e olha Duda Streb e fala algo que os ouvintes não têm acesso porque o áudio do estúdio está fechado enquanto o áudio enviado pelo Peninha está rodando. Duda concorda, abatida]. Peninha: Morei quatro anos em Gramado com a minha mulher e deixava ela trabalhar. Quem trabalha... Ela trabalhava e eu cuidava da casa. Pra mim cozinhar é uma maravilha. [Neste momento Diego Olivier diz algo com cara de negação, Duda Streb concorda com ele e sorri desanimada. Maurício Saraiva olha para a TV do estúdio e se volta para Duda, acenando a cabeça negativamente. Pedro Ernesto fala algo com certa irritação.] Peninha: Pra mim cozinhar é uma maravilha, só quero dizer que a piada era ruim mesmo. Sei que a Duda não se ofendeu, mas sei que*

tem essas redes, esses bafafás, esses burburinhos nas redes né, mas é o seguinte até já mandei uma mensagem pro Jura, vocês conhecem o Jura49? É o grupo de meninas aí da RBS, criada pela minha amiga Bruna, em homenagem à Juraci né aquela nossa maravilhosa telefonista que foi vítima de feminicídio. Já mandei minha, meu arrazoado sem razão pras [sic] meninas do Jura, e é o seguinte, cara por mim a questão está encerrada, porque ela é muito tola e muito boba né, se ela não se encerrar vai ser uma perca [sic] de tempo de todo mundo. Porque eu sou límpido, luminoso, e a minha obra fala por mim, já muito escrevi, já muito editei, já muito traduzi e já muito fui mandado por mulher e não tem nada que eu prefira do que mulher no comando. Tanto é que trabalho na RBS né (risos). Então tá, um beijo Duda, um beijo vocês, eu sei já to pleiteando pra fazer parte todos os dias do programa, mas ainda não chegamos no meu preço, tá bom? Então tá, beijão, e Dale Grêmio né? E quero dizer mais: estou preocupado como futebol feminino do Inter Duda, tô [sic] mesmo vou ter que secar, vou ter que secar. Só ganha o teu time feminino Duda. Ainda bem que os homens só perdem né. Beijo, tchau.

Pedro Ernesto: Este é o Peninha, Duda.

Duda Streb: [sorri, desconcertada]. É difícil ser mulher, Pedro Ernesto.

Pedro Ernesto Interrompe: Mas homem também será que será fácil?

Duda Streb: É difícil, é difícil...

Pedro Ernesto: Tá difícil viver nos dias de hoje né?

Duda Streb já com a voz embargada: Também mas é mais difícil pra mulher.

Pedro Ernesto: É eu não sou mulher eu não sei avaliar. Deixo pra ti.

Duda Streb: [sorri]. Mas graças a Deus a redação tá cheia de mulher, Carol tá aqui com a gente [começa a chorar] e realmente eu tinha dúvidas se eu teria condição de falar.

Pedro Ernesto: Acho que não tem.

Duda Streb: Acho que não. [Kelly Costa e Renata Medeiros entram e abraçam Duda]

Pedro Ernesto: Não, mas tá bom, tá bom. O Peninha... Tu ficou satisfeita com o que ele disse? Tá recebendo um abraço da Kelly, da Renata...

Duda Streb: [chorando] olha aqui essas fofas aqui. Assim gente agora de verdade tá. Eu não sou de me vitimizar, não combina comigo realmente. Acho que foi uma brincadeira do Peninha, acho mesmo que foi uma brincadeira, tanto que na hora eu nem levei a sério. O Peninha realmente faz brincadeiras. Mas essa brincadeira não tem graça, não tem nenhuma graça. Porque nós, mulheres sabemos o tamanho da nossa luta, sabemos o tamanho do nosso esforço e o quanto esse mundo esportista é machista e preconceituoso. Encaro realmente uma brincadeira do Peninha infeliz. E por mim como eu disse hoje de manhã tá tudo certo, tá tudo certo. Mas que realmente esse episódio, que não atinge a Duda, atinge a muita gente que tá nessa batalha. Então que esse episódio realmente sirva de lição pra gente, pra nós todos. Pra nós todos assim, e eu não to [sic] falando do Sala, eu to [sic] falando deste mundo realmente que precisa de mais amor, mais cuidado, mais respeito. É só isso. Então assim, tô [sic] aqui por mérito, fui convidada pela RBS, aceitei esse espaço por escolha minha. Assim como eu fiz a escolha de ficar vinte anos trabalhando como repórter, longe da cozinha, acompanhando uma olimpíada, trabalhando em Copa do Mundo, em Mundial de Clubes, e em outros tantos eventos esportivos que eu cobri por mérito. Então tá tudo certo Peninha. Eu realmente não sou de mimimi, não sou de me vitimizar, tô [sic] emocionada porque realmente desde ontem eu tenho recebido muitas manifestações de carinho. E só quero agradecer e dizer que tá tudo certo. Eu realmente não sou de levar coisa adiante, foi uma brincadeira infeliz do Peninha. Não vou almoçar contigo tá Peninha,

⁴⁹ELY, Débora. **Diretora de Jornalismo de Rádio e Jornal do Grupo RBS Apresenta Caminhos Para a Igualdade de Gênero nas Redações.** GaúchaZH. Atualizada em: 30/06/18. Disponível em: <<http://bit.ly/caminhosparaigualdadenasredacoes>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

obrigada. Mas tá tudo certo gente é vida que segue, bola pra frente e bora lá que a gente tem muito o que fazer viu, eu não tenho tempo pra isso não. Tenho até preguiça. Beijo.

Pedro Ernesto: *Muito bem, muito bem. Tá legal. Aí o depoimento da Duda depois do depoimento do Peninha e vamos em frente.*

O programa continua, Duda Streb sai para tomar água fora do estúdio e nos demais minutos de programa o assunto não retorna, nem Duda Streb.

Percebe-se que a retratação só surgiu como uma necessidade devido ao ligeiro destaque que o caso teve nas redes sociais, e isso pode ser notado pela transcrição da fala de Eduardo Bueno, em que coloca que, pessoalmente, não viu nenhuma ofensa e cunho machista na piada, porém, ao dizer que a piada é antiquada, enquadra-se nos estereótipos machistas. Também fica claro que o pedido de desculpas foi motivado por causa da pressão pública na fala introdutória de Pedro Ernesto.

O grupo RBS emitiu no dia 27 de abril de 2018 uma nota oficial no site da empresa:

Na edição de quinta-feira (26), do programa Sala de Redação, da Rádio Gaúcha, o jornalista Eduardo Bueno, o Peninha, dirigiu um comentário à colega Eduarda Streb, que, embora em tom e contexto de brincadeira, foi inadequado. Peninha esclareceu o episódio e desculpou-se pelo mal-entendido no programa de hoje (27). A RBS prioriza o respeito em todas as suas manifestações. (GRUPORBS, Comunicado. 27 de abril, 2018)

Sendo assim, a emissora viu necessidade de emitir uma nota oficial. Cabe ressaltar que a empresa se preocupa em apoiar a causa feminista e tem fomentado o debate de igualdade de gênero através de ações como #DeixaElaTrabalhar e de campanhas dentro das redações. Porém, muitas jornalistas continuam sofrendo com assédio por parte de colegas de trabalho sem maiores consequências. Casos como este ocorrem quase que diariamente, comentaristas e debatedores fazendo piadas machistas, homofóbicas e racistas são normalizadas até que as redes sociais façam o papel fiscalizador. Em sua fala, Duda Streb precisa salientar seu currículo profissional para nomear os motivos pelos quais ela tem o direito de estar ali - e não na cozinha - enquanto Peninha pede desculpas em forma de deboche, com postura auto elogiosa.

4.2.7 Reações entre os pares

No momento em que Peninha sugere que Duda Streb não entende de futebol, o caso é tido como brincadeira, “alfinetada” entre colegas, o assunto segue e os debatedores trocam risos, “cornetas” e brincadeiras. O programa segue e Duda se mostra confortável e tranquila. Peninha também. Quando Peninha ofende Duda, dizendo que ela deveria voltar para a cozinha, ele o faz em tom de rebate ao comentário irônico que Duda fazia. Ela, que ria do próprio comentário contra o time rival, responde em tom monossilábico em forma de advertência, enquanto Maurício Saraiva, antes de todos, consegue interpretar a “brincadeira” de Peninha, imediatamente, como algo mais grave, e também em tom descontraído, sugere que Duda processe Peninha, afirmando que ele teria dinheiro para pagar o processo. Os demais (Guerrinha, Pedro Ernesto e David Coimbra) riem até o momento em que Duda Streb lembra (também em tom de brincadeira) que o programa está sendo gravado. A não ser Maurício Saraiva, nenhum dos debatedores no dia pareceram conferir relevância do tipo de assédio sutil que a colega havia sofrido. A solidariedade entre os colegas da imprensa não se faz visível no vídeo, porém, não há informações dos bastidores depois que o programa encerrou.

A única manifestação de solidariedade visível para análise é o momento em que as jornalistas Kelly Costa e Renata Medeiros entram e abraçam Duda Streb no momento em que ela se emociona ao falar sobre o pedido de desculpas de Peninha.

Este subcapítulo apresentou as categorizações referente a análise do caso Duda Streb, subdividido em sete categorias para garantir a compreensão e tópicos importantes para o ponto de vista de assédio sutil. O subcapítulo seguinte vai apresentar, nas mesmas categorias, o caso envolvendo Sandra Annenberg e Galvão Bueno.

4.3 O CASO SANDRA ANNENBERG

Este subcapítulo vai apresentar o caso em que a jornalista Sandra Annenberg sofreu, ao vivo, atos conhecidos como *manterrupting* e *mansplaining*, durante a cobertura da Copa do Mundo da Rússia em 2018. A análise considerou as mesmas sete categorizações do caso Duda Streb para a pesquisa.

4.3.1 O programa

O programa a ser analisado neste subcapítulo é um episódio do Jornal Hoje, um dos mais antigos telejornais da Rede Globo, que foi ao ar pela primeira vez em 1971. A proposta original do programa era ser uma revista diária, de acordo com o site oficial da empresa⁵⁰. Restrito ao Rio de Janeiro, o jornal ganhou cunho nacional em 1974, mantendo a característica de matérias voltadas ao cotidiano, artes, música e poesia. Em 1999, o programa passa a ser gravado nos estúdios da Rede Globo em São Paulo, já com a apresentação da atual âncora Sandra Annenberg ao lado de Carlos Nascimento.

Em 2004, assume linguagem coloquial e conquista o público com a dupla de apresentadores Sandra Annenberg e Evaristo Costa, ambos com personalidade carismática. Atualmente, o programa inicia às 13h20 e tem duração média de 40 a 45 minutos e é apresentado por Sandra e Dony De Nuccio.

4.3.2 O papel de cada um no programa

Com a característica de ser um telejornal revista, as matérias em profundidade são mescladas com *soft news*, que são matérias que não envolvem violência ou têm caráter factual, o programa abre espaço para diálogo entre os âncoras e um visível tom de amizade, diferentemente do Jornal Nacional. Pensando em outros telejornais da grade, o Jornal Hoje faz uma mescla entre o Jornal do Almoço e o Jornal Nacional.

O Jornal do Almoço tem como característica ser um jornal fluído, informativo e dinâmico, cuja apresentadora do Rio Grande do Sul, Cristina Ranzolin, apresenta em pé, interage com convidados musicais e há movimentação no estúdio. Já o Jornal Nacional é o programa focado em *hard news* em horário nobre apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos.

Com base nestes exemplos, os âncoras do Jornal Hoje apresentam o programa na bancada, mas com a proximidade e leveza do Jornal do Almoço, por exemplo. Não há diálogos muito extensos entre os apresentadores, mas é possível

⁵⁰G1. **História do Jornal Hoje**. g1.globo. Disponível em: <<http://bit.ly/historiaJH>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

que o espectador note o forte coleguismo e amizade entre os âncoras, causado pela dinâmica e proposta do próprio jornal.

Sandra Annenberg (1968-) iniciou sua carreira na televisão brasileira primeiramente como atriz, com participações na televisão a partir de comerciais. Aos 14 anos, tornou-se repórter do programa TV Gazeta. Aos 15 anos, tornou-se apresentadora do programa Show do Esporte da Rede Bandeirantes. Quando entrou para a Rede Globo, com 23 anos, iniciou o curso de Jornalismo e foi a primeira mulher a ter um quadro fixo e entrar diariamente no telejornal, com a previsão do tempo⁵¹.

Sandra foi enviada à Rússia pela Rede Globo na Copa do Mundo de 2018 para fazer entradas ao vivo no Jornal Hoje e reportagens. Durante o programa, Sandra interagia com o colega Dony De Nuccio e, quando os jogos da Seleção Brasileira ocorriam antes da edição do Jornal Hoje, pelo horário de Brasília, ela interagia com Galvão Bueno, o que aconteceu somente porque o final da transmissão do jogo do Brasil coincidiu com o início do Jornal Hoje.

Carlos Eduardo dos Santos Galvão Bueno (1950-), mais conhecido como Galvão Bueno, é narrador, radialista e apresentador esportivo. Iniciou sua carreira da Rádio Gazeta, em 1974, e logo de início cobriu a Copa do Mundo de 1974, passou por outras emissoras e foi narrador da Fórmula 1. Ficou muito conhecido pela visão ufanista, patriótica e o favoritismo com que carrega suas narrações pelos jogos, corridas ou modalidades esportivas nas quais o Brasil compete. Narrou também o trágico episódio do acidente que resultou na morte do piloto brasileiro de Fórmula 1, Ayrton Senna, em 1994⁵².

Galvão Bueno narrou os jogos da Seleção Brasileira em 2018, e os demais narradores ficaram encarregados dos jogos das outras seleções. Era comum que o narrador fizesse entradas ao vivo para falar das expectativas e preparações dos jogadores durante a programação da Globo, porém, no Jornal Hoje, era mais comum que os repórteres fizessem essas entradas e o narrador só aparecesse nos momentos de jogo. Galvão Bueno, por ter uma história com narração de futebol

⁵¹Sandra Annenberg. FC Sandra Annenberg. Disponível em: <http://fcsandraannenberg-biografia.blogspot.com/> e PUREPEOPLE. **Biografia Sandra Annenberg**. Disponível em: http://www.purepeople.com.br/famosos/sandra-annenberg_p3315>. Acesso em: 12 abr. 2019.

⁵²JORNALISTA. **Biografia de Galvão Bueno**. Biografia Resumida. s/d Disponível em: <https://biografiaresumida.com.br/biografia-galvao-bueno/> e PUREPEOPLE. **Biografia Galvão Bueno**. Disponível em: http://www.purepeople.com.br/famosos/galvao-bueno_p3335>. Acesso em: 12 abr. 2019.

muito antiga, é visto pelos espectadores como uma autoridade brasileira em futebol, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

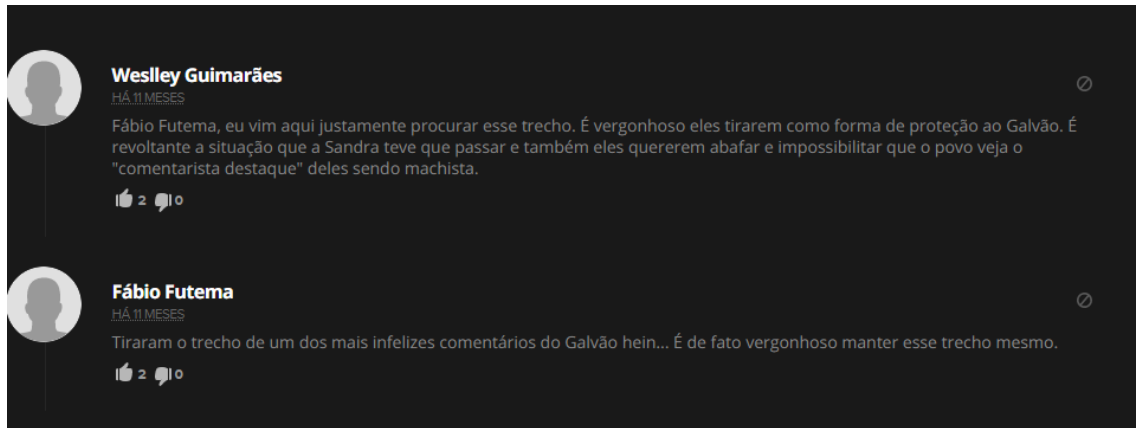
4.3.3 Análise dos vídeos

A escolha do vídeo a ser analisado é uma participação ao vivo de Sandra Annenberg nos minutos seguintes à partida do Brasil contra o México no dia dois de julho de 2018, com vitória brasileira por 2x0, disputando as oitavas de final da Copa do Mundo. Como a partida teve início às 11h, seu final coincidiu com o início do Jornal Hoje, o que fez com que Galvão Bueno chamasse Sandra Annenberg em uma entrada ao vivo na programação pós jogo.

O conteúdo pós-jogo não ficou salvo pela Globo Play, o que pode ser explicado por, ao menos, duas hipóteses: de que a emissora excluiu parte do conteúdo de abertura do Jornal Hoje, ou de que a empresa não adicionou ao site oficial as entradas ao vivo. A primeira hipótese foi levantada por causa da duração mais curta da edição do jornal, que, de acordo com o vídeo oficial em formato integral⁵³, conta com cerca de 21 minutos, e também pelas reclamações de dois assinantes da Globo Play nos comentários do vídeo, que pode ser visto na Figura 2, que sugere que o material teria sido cortado por causa da repercussão negativa. Outro fator que pode apontar para a hipótese de que o vídeo original tenha sofrido alteração é quando o Jornal Hoje inicia, Sandra Annenberg apresenta a taça, mas não explica o porquê de não poder tocá-la, o que pode ser interpretado como que um indício de que a âncora partiu do pressuposto de que o espectador já havia acompanhado a explicação de Galvão Bueno, momentos antes, e que o trecho foi cortado do vídeo oficial da emissora.

⁵³GLOBOPLAY. **Jornal Hoje - Integra 02 de Julho 2018**. Exibição em: 02/07/18. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6845520/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

Figura 2 - Comentários Globo Play



Fonte: Site oficial Globo Play (2019).

A segunda hipótese foi levantada ao analisar o vídeo da cobertura completa do jogo Brasil x México do dia 02/04/18⁵⁴, no qual a transmissão se encerra depois de aproximadamente 1 hora e 40 minutos, cortando os comentários do narrador. Além disso, na transmissão completa do programa, no minuto 7:48, Cléber Machado, comentarista esportivo que acompanha Sandra no estúdio, repete a explicação da impossibilidade de tocar na taça, e menciona o fato de Galvão já ter explicado anteriormente. No início do Jornal Hoje, porém, Sandra Annenberg apresenta a taça como uma grande surpresa para os telespectadores. Sendo assim, não é possível precisar estas circunstâncias do caso.

Através da impossibilidade de resgate do material por se tratar de uma entrada ao vivo, a pesquisa se baseia nas transcrições de áudio comuns à repercussão e replicação em *sites*, com base no texto criado pela GaúchaZH, portal gaúcho afiliado à Rede Globo.

⁵⁴ GLOBOPLAY. **Brasil 2 x 0 México - Oitavas de Final**. Exibição em: 02/07/18. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6845485/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

A partir de sites que replicaram a notícia, foi possível selecionar uma imagem⁵⁵ do site M de Mulher, que faz parte do Grupo Abril, da Rede Globo, que possivelmente captou o momento dessa entrada ao vivo, como ilustrado na Figura 3.

Figura 3 - Momento da entrada ao vivo de Sandra



Fonte: Captura de tela do site oficial M de Mulher (2019).

4.3.4 O caso

O episódio a ser analisado diz respeito à interrupção de Galvão Bueno a Sandra Annenberg ocorrida no intervalo entre o jogo da Seleção Brasileira contra a Seleção Mexicana pelas oitavas de final da Copa do Mundo de 2018 e o Jornal Hoje. Sandra Annenberg estava em estúdio, também na Rússia, preparada para apresentar o Jornal Hoje inteiramente de Moscou. Com alcance Nacional, Galvão faz uma chamada ao vivo para Sandra Annenberg explicar qual era a presença ilustre que estava com ela em estúdio naquele dia. A análise usará como base o

⁵⁵WARKEN, Júlia. **Galvão Tem Atitude Machista e Arrogante em Conversa com Sandra Annenberg**. M de Mulher. Atualizada em: 03/07/18. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaoatitudemachista>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

relato da GaúchaZH⁵⁶, uma vez que, como afiliada à Rede Globo, espera-se que este conteúdo contenha o mínimo de deturpação.

A matéria se intitula *Mansplaining: Galvão Bueno provoca polêmica nas redes sociais após atitude machista em conversa ao vivo com Sandra Annenberg*. A emissora não abre para discussão a possibilidade de a frase ter sido machista ou não, e produz a matéria assumindo o rótulo conferido ao narrador. Sandra Annenberg, de acordo com o portal, abre sua participação mostrando a taça como convidada especial da edição do Jornal Hoje. A apresentadora começa a explicar o fato do porquê não é permitido que se toque na taça, a não ser o presidente da FIFA ou jogadores que já foram campeões do mundo, quando é interrompida por Galvão Bueno.

Antes que Sandra pudesse concluir a frase, o narrador a interrompe e explica o que ela estava explicando:

Transcrição de áudio a partir da notícia do site Gaúcha ZH: **Galvão Bueno:** *Sandra, você já foi campeã do mundo jogando futebol?*

Sandra Annenberg: *Infelizmente, não.*

Galvão Bueno: *Você é presidente da Fifa?*

Sandra Annenberg: *Também não.*

Galvão Bueno: *Você só pode tocar na taça se colocar luvas, hein? É do protocolo.*

Sandra Annenberg: *Eu sei disso tudo, Galvão.*

Logo no início do Jornal Hoje, com base no vídeo oficial da emissora disponibilizado pelo site Globo Play, a apresentadora recebe o telespectador com animação para mostrar a convidada especial do programa, o Troféu da Copa do Mundo FIFA. Porém, Sandra demonstra sua animação em receber a visita ilustre e explica o procedimento de que o troféu está circulando em todas as emissoras. Em dado momento, Sandra diz que não pode tocar na taça, mas não explica o porquê.

⁵⁶REDAÇÃO. **Mansplaining: Galvão Bueno Provoca Polêmica Nas Redes Sociais Após Atitude Machista Em Conversa Ao Vivo Com Sandra Annenberg**. GaúchaZH. ClickRBS. Atualizado em 09 abr. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaoprovocapolemica>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

4.3.5 Redes sociais e as reações da audiência

No dia 02/07/18 e nos dias que se seguiram, foram cerca de 31 *tweets* comentando o assunto e notícias com *links* para outros sites. O site Observatório da Televisão noticiou o fato através das reações negativas dos internautas: *Web se revolta com atitude de Galvão Bueno com Sandra Annenberg*⁵⁷, o site TVFoco também acusa o narrador de machismo, com a matéria *Galvão Bueno é detonado e acusado de machismo após atitude com Sandra Annenberg*⁵⁸. As replicações de sites trouxeram a transcrição do áudio idêntico ao publicado pela Gaúcha ZH. Já o site da UOL⁵⁹ traz a fala de Sandra Annenberg antes da interrupção de Galvão: a apresentadora teria iniciado a apresentação do troféu explicando o motivo de não poder tocá-lo, quando o narrador a interrompe.

Sandra Annenberg: A gente está atrás do que? Da taça! E olha quem está conosco aqui no Jornal Hoje, esta é a original Galvão... E eu não posso tocá-la.

Interrupção de Galvão Bueno.

Nas pesquisas do buscador *Google*, pode-se encontrar mais de 30 sites de notícias de imprensa, *blogs* de fofoca e *blogs* de revistas que replicaram o conteúdo, como o Portal da Eva⁶⁰, que aproveitou o gancho da notícia para fazer uma explicação acerca do *mansplaining* e apenas um vídeo declarado feminista usou o caso para discutir a ação⁶¹. Além de vídeos de montagens transcrevendo a situação, apenas um site internacional⁶² replicou a notícia.

⁵⁷RODRIGUES, Guilherme. **Web Se Revolta Com Atitude de Galvão Bueno Com Sandra Annenberg**. Observatório da Televisão. Atualizado em: 03/07/18. Disponível em: <<http://bit.ly/webserevoltagalvao>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁵⁸NASCIMENTO, Fernando. **Galvão Bueno É Detonado e Acusado de Machismo Após Atitude com Sandra Annenberg**. TVFoco. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaodetonadoonline>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁵⁹UOL. **Taça da Copa na Globo Vai da Empolgação de Sandra ao Susto com Junior**. São Paulo. Atualizado em 02/07/18. Disponível em: <<http://bit.ly/tacadacopa2018>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁶⁰REDAÇÃO. **Mansplaining Você Sabe o Que Significa?**. Portal da Eva. Atualizado em 05/07/18. Disponível em: <<http://bit.ly/mansplainingvoce sabe>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁶¹MACEDO, Nathalí. **Vídeo - Nathalí Macedo: 'O Mansplaining de Galvão Bueno Acontece Todo Dia'**. Diário do Centro do Mundo. Atualizado em 04/07/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/mansplainingemvideo>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁶²UNCATEGORIZED. **Mansplaining: Galvão Has a Macho And Arrogant Attitude in The Conversation With Sandra Annenberg**. Naaju.com. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaomachoandarrogant>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

4.3.6 O pedido de desculpas

A emissora não pareceu dar atenção ao assunto, mesmo com a repercussão nacional nas redes sociais. Nos dias que se seguiram, não houve qualquer tipo de retratação ou pedido oficial de desculpas, e o apresentador Galvão Bueno não se manifestou. Porém, o site M de Mulher, da editora abril, afiliada da Rede Globo, fez uma entrevista⁶³ com a apresentadora, que comentou sobre o assunto:

Eu só fui me dar conta da polêmica que tinha sido criada quando eu vi nas redes sociais e na internet o que as pessoas estavam falando. Ou seja, eu não me senti atingida da maneira como as pessoas se sentiram ao ouvir aquilo tudo. Eu estava ali no calor do trabalho e foi uma interação natural, eu diria. Eu acho que o Galvão não teve de maneira alguma a intenção de ser machista, de me interromper daquela maneira (WARKEN, 2018).

Sandra completa se dizendo feminista e sobre o que sentiu após a repercussão do caso:

Então, eu poderia ter me sentido muito ofendida e eu te digo com toda a tranquilidade que eu não senti absolutamente nada disso. Fiquei surpresa com a repercussão. Eu acho que às vezes a gente também tem que tomar muito cuidado para não ir para todos os extremos. A gente tem que olhar e falar assim: 'será que ela se sentiu mal?'. Se eu tivesse me sentido mal, aí OK, 'todo mundo compra uma briga' (WARKEN, 2018).

Pode-se notar através da resposta de Sandra que a jornalista se viu surpresa com a repercussão, o que também levanta questões sobre quando ocorre um caso como este: frequentemente a mulher é quem faz algum tipo de pronunciamento falando do caso, e normalmente a resposta ainda é carregada de culpa ou uma tentativa de minimizar o ocorrido.

Sandra defende que os internautas deveriam ter esperado que ela esboçasse reação negativa ao ocorrido para julgarem nas redes sociais. Porém, conforme o comportamento esperado das mulheres em casos como esse, nem sempre a falta de reação indica que está tudo bem. Quanto às prescrições de gênero estereotipadas, Adichie (2015) propõe que:

⁶³WARKEN, Júlia. **Conversamos Com Sandra Annenberg Sobre Memes, Galvão e 'Criança Esperança'**. M de Mulher. Atualizado em: 01/12/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/sandrasobrememesegalvao>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

o problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero. (ADICHIE, 2015, p. 37)

4.3.7 Reações entre os pares

Conforme mencionado, não houve pedido de desculpas ou retratações com Galvão Bueno, e, nas declarações com Sandra Annenberg, a jornalista afirma não ter se sentido acuada ou mesmo vítima de assédio. Durante a apresentação do Jornal Hoje, Sandra aparenta tranquilidade e o carisma de sempre ao apresentar o Jornal e ao falar novamente sobre a Taça da Copa. Já quanto ao narrador, ele não realizou entradas ao vivo no mesmo dia para que se pudesse fazer uma avaliação de sua atuação após o ocorrido. Colegas de TV e demais prestadores de serviço da emissora e a própria Rede Globo não se manifestaram sobre o assunto. O único que volta a mencionar o caso é Cléber Machado aos 7 minutos e 48 segundos de programa, com a frase “É como o Galvão falou né, é só o Presidente da FIFA e quem já foi campeão do mundo pode pegar”. Mas o comentarista não faz nenhum juízo de valor sobre o caso.

4.4 CONCLUSÕES E DESDOBRAMENTOS DE AMBOS OS CASOS

Este subcapítulo trará as inferências da análise de conteúdo, analisando conjuntamente as categorias estudadas separadamente em cada caso: as posturas das jornalistas (Duda Streb e Sandra Annenberg) envolvidas nos casos, bem como a postura das empresas relacionadas (Rede Globo e afiliada RBS), a postura dos colegas, e a reação do público com base em conceitos de Bourdieu (1999) e Solnit (2017), utilizando também exemplos de como certos estereótipos de gênero são utilizados contra as mulheres.

No caso de Duda Streb no Sala de Redação, muitos homens e mulheres criticaram a jornalista nos comentários do *Facebook*, valendo-se da premissa de que Duda riu no momento do ocorrido e usando isso como justificativa para invalidar a agressão. Isso indica que, para muitos homens, um ato machista só poderia ser

considerado como tal se a mulher, no momento da agressão pública, entrasse em prantos ou causasse uma grande briga. Bourdieu (1999, p. 7-8) aponta este tipo de clamor por reação como parte da violência simbólica, porque trata o simbolismo do assédio verbal não como uma violência:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

O que Bourdieu (1999) aborda é a forte tendência da vítima a não se reconhecer como tal, dado o poder da dominação masculina. É o que podemos ver na resposta de Sandra em entrevista ao portal M de Mulher, quando afirma que não via na situação o mesmo que os internautas viam, não se viu como vítima e não viu a postura de Galvão como machista. E é também o que aparece no discurso de Duda Streb, refutando a opinião de internautas ao dizer que também achava que se tratou de uma piada, embora infeliz, de Peninha. Também faz parte do sistema que os homens, como figuras dominantes, não percebiam a própria condição e, quando o fazem, por vezes não se unam às mulheres para mudá-la, como defende Adichie (2015, p. 48): “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

O que se discute, em última instância, é que, sendo piada, ou mesmo interrupção, *mansplaining* e *maninterrupting* (caso de Sandra), se trata de uma recorrência de ações que no campo simbólico não cansam de interromper mulheres, e isso diz muito a respeito da construção cultural sobre a condição de dominação a qual se submete a mulher, como explica Bourdieu (1999, p. 47):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural

Além de condenarem a postura de Duda Streb, os ouvintes do Sala de Redação “grenalizaram” o ocorrido, culpam a jornalista pela falta de reação e

aceitaram a violência sofrida por ela como vingança pessoal por não gostarem do seu trabalho profissional. Ainda se tratando de currículo profissional, Duda Streb teria mais condições de estar na posição que estava devido à vasta experiência com jornalismo esportivo, já Peninha, apesar de exercer a profissão de jornalista, carrega um forte simbolismo por força da torcida gremista. Ainda sobre a trajetória profissional, o fato de Duda precisar de um currículo e longa trajetória é justificado até mesmo em sua própria resposta às desculpas de Peninha, como que explicando o porquê de ela estar ali.

Já no caso de Sandra, Galvão Bueno já é conhecido por suas inúmeras “bolas-fora”, e há até mesmo um *blog* dedicado a falar mal do narrador⁶⁴, não foi difícil que os espectadores apontassem o caso com críticas pesadas a Galvão. Para os internautas, que são os termômetros das notícias, a atitude de Galvão Bueno se tratava de *mansplaining* ou, no mínimo, de atitude machista, embora menos explícita e mais discutível acerca de seu enquadramento em assédio verbal ou não. Pois constatou-se que ali houve uma interrupção brusca e uma explicação sobre algo que Sandra tentava explicar. No caso de Duda Streb, o observado foi que a audiência mistura a conduta profissional da jornalista e sua opinião pessoal sobre ela, validando, assim, a atitude de Peninha.

O jornalismo audiovisual treina os repórteres para que adotem uma postura profissional em todos os momentos, mesmo que a situação saia de controle, o que se agrava quando se trata de uma mulher, como já foi notícia nas diversas vezes em que repórteres cobrindo jogos de futebol foram assediadas e tiveram que “manter a postura”, não reagir e, não obstante, fingir que nada aconteceu. Algumas repórteres, porém, passaram a reagir aos assédios no ato em que ocorrem.

Foi o caso da jornalista Bruna Dealtry da TV Esporte Interativo, que, em 2018, enquanto cobria um jogo da Libertadores fora do Brasil, foi beijada à força por um torcedor⁶⁵. Ou o caso da repórter francesa que, em 2017, ao entrevistar o tenista Maxime Hamou, que perdeu uma partida de Roland Garros, foi agarrada pelo

⁶⁴BLOGGER. **Eu Odeio o Galvão Bueno**. Atualizado última vez em 06/10. Disponível em: <<http://euodeiogalvaobueno.blogspot.com/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁶⁵RONAN, Gabriel. **Assediada Ao Vivo Por Torcedor, Repórter Desabafa: 'Sou Mulher e Mereço Ser Respeitada'**. Em.com.br Nacional. Atualizada em 14/03/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/soumulheremerecorespeito>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

pescoço enquanto o tenista tentava beijá-la⁶⁶ por três vezes consecutivas. Nas duas primeiras tentativas, a repórter e os demais riram. Duda Streb e Sandra Annenberg também riram, assim como repórteres que passaram por assédio sexual. Rir não significa que está tudo bem, pode ser uma reação automática para quando não se tem reação, não se sabe o que fazer.

O ato de rir em situações desconfortáveis socialmente para mulheres não é um comportamento fora do padrão, dado a conduta estereotipada projetada às mulheres de serem receptivas, calorosas e simpáticas, e a tendência a sofrerem penalidades caso apresentem atitude contra estereotipada, como o chamado efeito *backlash*, estudado no subcapítulo 3.1. Quando se trata da integridade física, a resposta agressiva ao assédio sexual é bem aceita, mas, quando o assédio é verbal, do campo simbólico, não. Bourdieu (1999), ao retomar a violência simbólica como parte da dominação masculina, mostra seus efeitos na forma como a sociedade é construída para colocar os homens em certas posições (social, hierárquica, política) e retirar as mulheres desses mesmos lugares:

Ao se entender 'simbólico' como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente 'espiritual' e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação. (BOURDIEU, 1999, p. 46)

Quando uma repórter sofre assédio, como foi o caso de Bruna Dealtry e da repórter francesa Maly Thomas, esse tipo de ação recebe uma certa “carta branca” das emissoras para que as repórteres reajam, ou pelo menos, a garantia de não punição. Porque assim é esperado: se a violência ocorrer em um grau que não se coloca em discussão a sua veracidade em um plano físico, é justo que se reaja. Já no caso do assédio verbal sutil, o *mansplaining*, o *maninterrupting*, ou qualquer outro ato que visa silenciar mulheres no campo simbólico, há indignação coletiva pela falta de reação, e por parte da chefia, possível penalização⁶⁷. Estas atitudes reforçam a

⁶⁶UOL, TV. **Tenista Tenta Beijar Repórter Força**. Atualizada em 30/05/2017. Disponível em: <<http://bit.ly/tenistabeijareporter>>. Acesso em 09 abr. 2019.

⁶⁷REDAÇÃO. **Jornalista Da Record é Demitida Depois de Acusar Chefe de Assédio Sexual**. Jornal do Tocantins. 14 abr. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2EW2FWY>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

importância desta análise de monografia que se propõe a discutir sobre o machismo contido no assédio verbal e também no assédio sutil.

No caso Duda Streb, a desculpa de Peninha primeiramente se coloca no cenário familiar, historicamente e estereotipadamente projetado para “donas do lar”. As mulheres que já ouviram este tipo de afirmação – “volte para a cozinha” – sabem que o significado implícito é de “você não pertence a este lugar”. Esta frase, inclusive, fez com que a cantora Pitty, em 2015, levantasse exatamente esta discussão ao confrontar um seguidor⁶⁸. A resposta da cantora viralizou no *Twitter* ao declarar: “Pois eu não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. O choro é livre (e nós também)”.

Em segundo ponto, o pedido de desculpas de Eduardo Bueno é composto de acusações, autopromoção e estereótipos machistas. Acusações porque o jornalista inicia o pedido de desculpas dizendo que a piada que ele fez não foi ruim, só era velha, e velho o Sala de Redação também era. Autopromoção quando valoriza a própria pessoa, expondo seu currículo pessoal como forma de invalidar o que havia dito, dando a entender que com o grau de estudo e prestígio que tem, não seria machista, e além de finalizar o pedido de desculpas dizendo que é caro demais para a emissora, e por isso não é um dos debatedores fixos do programa. E o estereótipo machista no momento em que repete a ofensa para quem não ouviu dizendo que “gosta de viver perigosamente”, estereotipa a mulher na cozinha e depois tenta consertar dizendo que para ele, se trata do melhor lugar da casa, inclusive estava naquele momento, enquanto gravava o áudio de desculpas, na cozinha preparando um almoço para Duda.

Adichie (2015, p. 37), ao refletir sobre a questão de gênero, chegou a se perguntar se as mulheres nasciam com algum gene a mais que lhes condicionasse talento na cozinha - uma vez que as tarefas domésticas ainda são majoritariamente femininas -, mas, como argumenta, lembrou-se de “que os cozinheiros mais famosos do mundo - que recebem o título pomposo de ‘chef’ - são, em sua maioria, homens”.

Isso quer dizer que esse tipo de ofensa proferida por Peninha nunca foi brincadeira para as mulheres, porque as impede de ocupar certos espaços da vida pública e as humilha e ridiculariza se elas o fazem. E também porque sugere um retorno da mulher ao espaço doméstico, de onde muito batalhou para sair. Peninha

⁶⁸ENTRETENIMENTO. **Resposta de Pitty a Seguidor Após Oferta Viraliza no Twitter**. atualizada em 18/03/2015. Disponível em: <<http://bit.ly/ofensaviralizatwitter>>. Acesso em: 09 abr. 2019

defende seu ponto de vista alegando que a cozinha é o melhor lugar da casa, que ele próprio gosta de estar ali, só que historicamente, é às mulheres que continuamente se recomenda que voltem - e permaneçam - na cozinha.

Outro tipo de ofensa também atribuído às mulheres, principalmente nas redes sociais é a alusão a lavar louça, o que automaticamente coloca como somente da mulher o papel de cuidadora do lar. Solnit (2017, p. 23) fala sobre o silenciamento de mulheres e estipulação de comportamentos estereotipados e suas consequências sociais: “As mulheres jovens precisam saber que ser tratada como algo inferior não é resultado de suas próprias falhas secretas: é a velha e chata guerra dos sexos, e acontece com a maioria das mulheres, em algum momento da vida”.

Já o caso de *maninterrupting* e *mansplaining* envolvendo Sandra e Galvão, o ato de interromper uma mulher enquanto fala é corriqueiro. A Ministra do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, cita o estudo realizado para a *Social Science Research Network* que analisa a interrupção das mulheres na Suprema Corte dos Estados Unidos e descobriu que as mulheres são interrompidas, em média, três vezes mais que os homens⁶⁹. Em conversa com a ministra Sonya Sotomayor, dos Estados Unidos, quando perguntada como é este fato no Brasil, Cármen Lúcia respondeu: “Não nos deixam falar, então não somos interrompidas”⁷⁰.

Relacionando este estudo com o ocorrido entre Sandra e Galvão, basta fazer a reflexão inversa e pensar quantas vezes foi Sandra que o interrompeu o narrador. E, falando no panorama geral, quantas vezes são as jornalistas mulheres que, de fato, interrompem os colegas homens para explicar algo que eles acabaram de explicar, ou tentar.

Um detalhe curioso sobre o fato da proibição de se tocar na taça: Fátima Bernardes segurou a taça da Copa do Mundo em 2002⁷¹, em uma animada cobertura dentro do ônibus da seleção brasileira. Desde lá, as regras mudaram, de

⁶⁹JACOBI, Tonja; SCHWEERS, Dylan. **Justice, Interrupted: The Effect Of Gender, Ideology and Seniority at Supreme Court Oral Arguments**. Postado 16/03/17. SSRN. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/Papers.cfm?abstract_id=2933016>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁷⁰MARTINELLI, Andréa. **Carmen Lúcia Sobre Ser Mulher no STF: 'Não Nos Deixam Falar, Então Nós Não Somos Interrompidas'**. Huffpost. Atualizado em 3/01/2019. Disponível em: <<http://bit.ly/mulheresnoSTF>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁷¹GLOBOPLAY. **Fátima Relembra a Emoção de Segurar a Taça Conquistada Pelo Brasil**. Exibição em 29/06/12. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2017365/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

acordo com a FIFA, por questões de segurança⁷², mas quaisquer que sejam essas razões, excluíram uma boa parcela de mulheres que não vão poder repetir tal fato.

Sobre o papel da vítima quanto às reações: se as mulheres respondessem ou se portassem como “vítimas” em relação a ofensas machistas em todas as ocorrências, passariam o dia respondendo ofensas na internet. O ciberfeminismo entra como fator muito importante no momento em que dá visibilidade a certos assuntos. O poder que as redes sociais têm já fez com que diversas marcas retirassem propagandas do ar⁷³. E o ato de *viralizar* e problematizar gera visibilidade e a possibilidade de quebra de estereótipos. Não se trata de uma patrulha ou censura. São mulheres que escrevem relatos que se encaixam na insatisfação de milhares de outras mulheres, revelando mais uma face do machismo estrutural.

Quanto à normalidade das reações femininas, como rir e fingir que o desconforto não existe, ou até mesmo não perceber o desconforto de uma piada de conotação machista, Adichie (2015, p. 16-17) sustenta que a repetição de um padrão o torna normal. “Se repetirmos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal.[...] Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar ‘normal’”, e é esse tipo de repetição histórica que faz com que a reação negativa das mulheres ao machismo, assédio e até mesmo à violência, hoje, sejam repreendidas pela opinião pública, acusadas de “mimimi” ou vitimismo. A própria Duda Streb fala em “mimimi”, o que leva ao sentido de que reclamar reduziria as mulheres a uma situação de vítima, e indicaria a impossibilidade de se pedir basta e interromper o padrão social de dominância patriarcal. Bourdieu (1999, p. 12) explica essa questão ao tratar do “reconhecimento da submissão”:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, atos de *reconhecimento*, de submissão. (grifos do autor, p. 12)

⁷²ESPORTES. **Regras Misteriosas Aumentam Cobiça à Taça da Copa do Mundo**. Atualizada em 03/07/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2vldN4K>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁷³BRASIL. **9 Vezes em Que a Publicidade Falhou em Entender as Mulheres em Pleno Século 21**. BBC NEWS. São Paulo. Publicada em 08/03/2018. Disponível em: <<https://bbc.in/2W8HCKj>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

Depois do caso de assédio ocorrido no Sala de Redação, Duda Streb não teve seu contrato temporário renovado com a empresa, e Peninha deixou de fazer participações como torcedor gremista no Sala de Redação, mas não foi afastado da emissora: foi convidado a ir à Rússia cobrir futebol durante a Copa do Mundo de 2018 e realizou reportagens, inclusive, sobre o caso machista que ganhou negativamente as manchetes internacionais de torcedores que gravaram um vídeo com uma russa pedindo que repetisse palavras sobre o órgão sexual feminino⁷⁴. Logo no início da reportagem de Peninha sobre o fato⁷⁵, o jornalista contextualiza o machismo na Rússia com as leis que permitem, por exemplo, que o marido bata na esposa. Insinua-se que sua atitude com Duda Streb em nada se parece com a atitude dos brasileiros na Rússia e não haveria conexão entre o ocorrido no Sala de Redação e a violência física. Como vimos a partir de Solnit (2017), Bennett (2018), Bourdieu (1999) e Morais e Dantas (2011), essas ocorrências são nervos de um mesmo sistema, partes de uma mesma estrutura patriarcal que em algum momento parte do silenciamento verbal até o silenciamento perpétuo da mulher.

Galvão Bueno continua sendo narrador, a Rede Globo silenciou – ao contrário da afiliada RBS, que se posicionou; Sandra Annenberg continua achando que o caso com o narrador não merece toda a atenção que teve. E é neste momento que a dominância se perpetua: a cada vez que as mulheres deixam de iniciar uma discussão com medo de represália. A estrutura social protesta dizendo que “tudo é machismo hoje em dia”. A alternativa a isso é aceitar que é um problema estrutural real, o que parece muito trabalhoso para os dominantes.

Ambas as declarações das jornalistas quanto às agressões verbais que sofreram (Duda Streb e Sandra Annenberg) continham explicações sobre suas percepções e até mesmo um teor de desculpas (o fato de Duda Streb iniciar sua declaração dizendo que não costuma se fazer de vítima, ou “mimimi”), o que aponta também para a necessidade que as mulheres têm de constantemente se explicar.

Peninha deu uma desculpa pouco argumentada, baseada em estereótipos de gênero, e mesmo assim, quem fez um discurso apontando as causas e efeitos que a colocaram na posição profissional que ocupava por mérito foi Duda Streb, o que Bourdieu (1999, p. 18) explica: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de

⁷⁴REDAÇÃO. **Vídeo Machista de Torcedores Brasileiros Na Rússia Viraliza**. Atualizado 27/06/2018. Catraca Livre. Disponível em: <<http://bit.ly/brasileirosrussia>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

⁷⁵BUENO, Eduardo. **A Rússia Tem Fama, Mais do Que Merecida, de Ser um País Machista**. Atualizada em 25/06/18. Disponível em: <<http://bit.ly/peninharussia>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

Em suma, este capítulo resgatou aspectos do machismo contido nas relações de gênero estruturadas culturalmente na sociedade e que, em última instância, se perpetuam nos discursos analisados em ambos os casos de machismo sofridos por Duda Streb e Sandra Annenberg. Também fez uma reflexão acerca do comportamento das próprias mulheres ao serem colocadas, pela audiência, em posição de vítima, e a carga negativa que é feita da mulher que se posiciona quanto às agressões sofridas. Ao mesmo tempo, foi possível perceber também a ausência masculina em tentar se desculpar ou ainda, desculpar-se de forma irresponsável, dando ao fato o rótulo público proferido por Peninha como uma situação “muito tola e muito boba”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar o assédio sutil no cotidiano de trabalho de jornalistas mulheres. Com base em Bourdieu (1989), que explica como o ato de denominar ações permite a compreensão destas como fatores sociais, a análise buscou compreender que este tipo de assédio só passou a se enquadrar como tal no momento em que as mulheres passaram a denominá-los e tipificá-los como *mansplaining*, *maninterrupting*, *broprator*, entre outros. A denominação faz parte do conhecimento da luta, como aponta Bourdieu (1989, p. 149):

Isso quer dizer que não se pode fazer uma ciência das classificações sem se fazer uma ciência da luta dessas classificações e sem se tomar em linha de conta a posição que, nesta luta pelo poder de conhecimento, pelo poder por meio do conhecimento, pelo monopólio da violência simbólica legítima, ocupa cada um dos agentes ou grupos de agentes que nela se acham envolvidos.

Assim, foram analisados os casos de assédio sutil sofridos por Eduarda Streb e *mansplaining e maninterrupting* de Sandra Annenberg, ambos ocorridos em 2018.

A pesquisa surgiu com os seguintes objetivos: investigar a maneira como o assédio se faz presente dentro das relações sociais entre colegas jornalistas no ambiente de trabalho; verificar a reação da audiência através da compreensão de comentários e da cobertura de sites de notícias que replicaram os casos de assédio estudados; e, por fim, refletir sobre como as mulheres que sofreram assédio nos casos estudados viram essas situações.

Trata-se de um tema de relevância social, pois se faz presente em todas as relações sociais, sendo assim percebido como amplamente difundido nos ambientes corporativos e nas relações de trabalho, e essas recorrências são frutos do machismo enraizado na cultura brasileira. A motivação desta análise foi trazer o tema para o debate e não só apontar as vitórias do movimento feminista ao denominar atos e assim combatê-los, mas, também, compreender a fragilidade que a própria nomeação causa ao, por exemplo, excluir mulheres que não têm familiaridade com termos em inglês.

Os problemas da pesquisa permeiam as consequências sociais refletidas nos atos de machismo que apareceram nos casos analisados, de modo a responder às perguntas: de que forma acontece o assédio sutil entre colegas jornalistas? Como as

redes sociais receberam os casos de assédio e replicaram o conteúdo? Como Duda Streb e Sandra Annenberg viram o caso de machismo que sofreram? Como foram as retratações públicas? E como se dá a construção destas atitudes na sociedade?

Para construção da pesquisa, primeiramente, o capítulo 2 abordou a história do feminismo no Brasil e, nesta etapa o principal aporte teórico foi Pinto (2003). Posteriormente, o subcapítulo 2.2 perpassou as definições de machismo e assédio e como o assédio é visto como fruto de violência simbólica, fundado em Bourdieu (1999). O capítulo também fez uma reflexão acerca da diferenciação social na criação de meninos e meninas, e como esta distinção cultural serviu e serve de pilar para a cultura machista que não vê o assédio sutil como assédio, mas como uma “brincadeira”. Discute-se também como historicamente essa prática limitou o acesso de mulheres a diversas esferas da vida pública.

Foi apresentado o conceito de assédio sexual perante a Lei 10.224/01 e, através das análises, chegou-se à conclusão de que o chamado assédio sutil faz parte do assédio moral, mas constitui uma prática subliminar e normalizada. Pela Justiça, não é *suficiente* para enquadrar-se em assédio moral, por que tudo o que se têm de provas é a insatisfação das mulheres em serem frequentemente interrompidas em reuniões, debates, entradas ao vivo, ou mandadas de volta à cozinha.

O subcapítulo 2.3 explicou os termos *mansplaining* e *maninterrupting* com exemplos de seus usos nas relações sociais com base em Solnit (2017), Bennet (2018), elucidando as consequências destas formas de assédio como violência simbólica, fundada em Bourdieu (1989 e 1999).

O capítulo 3 abordou a inserção e participação feminina no mercado de trabalho e dentro do jornalismo. Apesar de periódicos com a temática feminista feitos por mulheres datarem 1873, elas só faziam papel de colaboradoras. E no século XX, nas grandes redações, como destacou Ribeiro (1998), concediam às mulheres cargos apenas de telefonistas e à noite, quem operava os telefones eram os homens.

Também foi abordado o efeito de *backlash*, que é a represália social ou econômica a uma mulher que se comporta de forma contrária ao estereótipo feminino de ser gentil, altruísta, sorridente e assumir tarefas dos outros, como se fosse a “mãe” do escritório. A penalização ocorre ainda mais se a mulher apresentar características ou comportamentos naturalizados como masculinos. Esta questão é

demonstrada pelas pesquisas de Silva (2010) ao estudar as relações de gênero em uma redação de TV: a profissional Kátia repara as percepções estereotipadas que os demais colegas têm sobre ela, e como isso se agravou quando passou a ocupar um cargo alto, mesmo que de forma provisória.

O subcapítulo 3.2 mergulhou no jornalismo esportivo, buscando as explicações para a predominância masculina na editoria, e denunciando a forte incidência de assédio sutil, moral e sexual na área. Além de ambos os exemplos selecionados para análise desta pesquisa serem dentro da editoria de jornalismo esportivo, mulheres jornalistas que responderam à pesquisa da Abraji *et al.* (2017) apontaram o mesmo problema recorrente em todas as editorias, o que reforça o fato de o assédio não ter um rótulo ou preferência de local ou nicho social. Também apresentou outros exemplos que se enquadram dentro do assédio sutil, como o assédio sexual coletivo, como uma piada a respeito da vestimenta ou corpo de uma mulher, normalizados como brincadeira ou interação social.

O subcapítulo 3.3 trouxe o *web* feminismo como parte da terceira onda feminista, discutiu a importância da segmentação online para reconhecer e adentrar em nichos e utilizar linguagem coloquial. Ao mesmo tempo que o surgimento de nomes para ações como *mansplainig*, *maninterrupting*, *bropropriator*, *gaslighting*, e outros tantos, permitiu que as mulheres reconheçam um problema para combatê-lo, o feminismo perdeu nessa luta uma parcela de mulheres que não são acostumadas e não tem acesso aos termos em inglês. Ocorre então a elitização e exclusão dentro da luta feminista, problematizações características das interseccionalidades da terceira onda do feminismo, pois como reforçado por Bourdieu (1989), se o ato de dar nome a ações faz parte da resistência simbólica, o desconhecimento e falta de proximidade com os termos continua deixando toda essa parcela de mulheres às cegas quanto a esses fatores⁷⁶.

O capítulo 4 se destinou à análise e inferências sobre os casos. O método utilizado foi a análise de conteúdo, que, por meio da categorização, dividiu a pesquisa em sete partes consideradas importantes para compreender os objetos de estudo. No caso Duda Streb, ao analisar **o programa**, percebeu-se que o Sala de Redação historicamente contou com pouca participação feminina, ato que vinha

⁷⁶QUEIROZ, Nana. **Termos em Inglês Estão Elitizando o Feminismo**. AzMina. 2016. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/termos-em-ingles-estao-ELITIZANDO-O-FEMINISMO/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

mudando com a participação de Duda. Também se percebeu que piadas machistas eram naturalizadas dentro do programa, uma vez que o caso da análise só foi percebido no momento em que uma destas piadas foi dirigida diretamente a uma colega de trabalho.

Com a transcrição do caso e apoio das imagens gravadas ao vivo, foi possível notar o incômodo que o pedido de desculpas do colega Eduardo Bueno provocou na própria jornalista. Como mencionado na análise, o pedido de desculpas de Peninha beira os limites do deboche. E Duda Streb, ao responder, faz, assim como Sandra Annenberg, o esperado das mulheres que comentam os casos de assédio sofridos: reafirmam que não são vítimas, que o caso não foi intencional, e Duda ainda precisa reforçar os méritos pelos quais ela é boa o suficiente para ocupar o cargo de debatedora em um programa sobre futebol.

Pôde-se perceber, através da categoria **Reações da audiência**, que atos machistas não são vistos isoladamente, e que os receptores comparam e ponderam quem proferiu, quem sofreu, e o histórico e contexto no momento do ocorrido. Estas ponderações não estão erradas, pois todo ato de violência no campo simbólico deve ser analisado conforme o contexto no qual se insere, porém, Duda Streb não recebeu a empatia que Sandra Annenberg porque não é tão popular aos olhos dos gaúchos quanto é Sandra para os brasileiros em rede nacional. Isso ficou evidenciado nos comentários nos quais as pessoas disseram que Duda merecia o desagravo devido aos comentários que fazia contra o Grêmio.

Sandra Annenberg falou em entrevista que não acredita que Galvão Bueno teve a intenção de ser machista, e é exatamente este um dos pontos principais que permite que a violência simbólica se perpetue. Duda Streb disse que acredita que foi uma brincadeira de Peninha, de forma que as duas vítimas tendem a desculpar a atitude de seus colegas. Nenhuma delas quis se rotular como vítima, nem rotular os colegas de machistas, e ao fim, os casos são minimizados.

Ninguém quer ser rotulado de machista, pois a maioria das pessoas não acreditam que de fato o sejam. Entretanto, este tipo de assédio faz parte de uma conduta machista que, como foi explicado ao longo desta pesquisa, nasceu em uma estrutura social patriarcal. Qualquer pessoa, homem ou mulher, é capaz de ter atitudes machistas. E, por vezes, o que incomoda mais a sociedade é rotular pessoas do que de fato discutir ou diminuir essas atitudes.

Muitos homens saíram em defesa de Peninha dizendo que não o consideravam machista, da mesma forma que Sandra fez com Galvão, e este tipo de defesa é exatamente o que Solnit (2017) abordou quando disse que falar do problema é mais importante do que rotular pessoas. Solnit (2017) e Adichie (2015) ainda defenderam a importância que os homens têm na luta para que as mulheres sejam ouvidas e respeitadas. A falta de reação masculina ao esperar magicamente que as coisas mudem e o mundo se torne um lugar menos opressor para as mulheres, sem que os homens tenham que se impor para que isso ocorra, é uma forma de barrar o avanço: “dizer que tudo está bem, ou então que as coisas nunca vão melhorar, são maneiras de não ir a parte alguma, ou de tornar impossível ir a qualquer lugar” (SOLNIT, 2017, p. 183).

Duda Streb, em seu comentário sobre o pedido de desculpas de Peninha, caiu mais uma vez no estereótipo feminino de ter que provar seus conhecimentos sobre futebol. A jornalista já tinha contrato com a empresa e participava do programa de forma ativa. Peninha não precisou fazer o mesmo, assim como é difícil ver algum homem precisar destacar sua trajetória profissional como justificativa para ser debatedor em programa de rádio sobre o tema. Além disso, não sofreu uma penalização efetiva, deixou de participar do programa em questão, mas foi designado para cobrir a Copa do Mundo na Rússia enquanto Duda Streb foi desligada da empresa.

Depois que foram analisados todos os aspectos considerados importantes, dentro dos mais variados exemplos que foram apresentados da presença do chamado assédio sutil dentro das relações sociais como forma de violência simbólica, esta pesquisa abre caminho para novas análises e possibilidades de enquadrar e denominar tais atitudes dentro de assédio moral, a fim de denominá-las e combatê-las.

Solnit (2017) faz uma reflexão positiva sobre as vitórias e derrotas do movimento feminista: “A luta tem sido e continuará sendo longa, difícil e por vezes feia, e a reação contra o feminismo continua feroz, vigorosa e onipresente, mas ela não está vencendo” (SOLNIT, 2017, p.174).

Por fim, esta análise se conclui jogando luz a diversos aspectos, despidendo certas anomalias e expondo incômodos das relações sociais para as mulheres e, entre vitórias e derrotas, fica a reflexão e o clamor por igualdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO; GOOGLE NEWS LAB. **Mulheres No Jornalismo Brasileiro**. 2017. Disponível em: <<http://mulheresnojornalismo.org.br/>>. Acesso em: 21 mar. 19.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **87% das Vítimas Não Denunciam Assédio no Trabalho**. 2017, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2lkH3XI>>. Acesso em: 11 abr. 19.
- BENNET, Jessica; CAMPOS, Simone. **Clube Da Luta Feminista. Um Manual De Sobrevivência Para Um Ambiente De Trabalho Machista**. São Paulo, Fábrica 231, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Gênero, [s.l.], v. 5, n. 2, p.1-20, 19 fev. 2013. Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF.
- DIAS, Isabel. Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 57, p. 11-23, maio 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 19.
- DOS SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Jornalismo no feminino: A mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional**. São Bernardo do Campo: C&S, 2016.
- DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. 1980. 5 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Unesp, São Paulo, 1980.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas S.A. 2011.
- ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FERNANDES, Estevão Rafael. **A Colonização Das Sexualidades Indígenas: Um Esboço Interpretativo**. 2016. 15 v. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

FONSECA Jr., Wilson Correa da. **Análise de conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 280-304.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos Web: Linhas de Ação e Maneiras de Atuação no Debate Feminista Contemporâneo**. Cadernos Pagu, 2015, São Paulo, 199-228, p. 44.

GUTIÉRREZ, Rachel. **O feminismo é um humanismo**. São Paulo: Nobel, 1985.

JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu Pereira. **Decidindo o que é notícia**: Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

KRIPPENDORF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia, **Teoria Política Feminista - Textos Centrais**. São Paulo, Horizonte, 2013.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, Ana Cecília de; DANTAS, Silva. **O Segundo Sexo na Política**: o papel do direito na inclusão das mulheres na democracia brasileira. Maceió: Edufal, 2011.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, Imagem e Poder**. São Paulo: DP&A, 2003.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997**: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROSO, Adriane; MATTOS, Flora; WERBA, Graziela; STREY, Marlene, **Gênero por Escrito**: Saúde, Identidade e Trabalho. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

SIGMUNG, Freud. **The Aetiology of Hysteria**. [1896] Standard Edition, vol. 3, trans. J. Stachey. London: Hogarth Press, 1962.

SILVA, MÁRCIA VEIGA DA, **Masculino: O Gênero do Jornalismo**: Um Estudo Sobre os Modos de Produção das Notícias. 2010, Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOLNIT, Rebecca. **Os Homens Explicam Tudo Para Mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.

SOUZA, Marcos Alves de. **A “NAÇÃO EM CHUTEIRAS”**: RAÇA E MASCULINIDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO. 1996. 63 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS,

Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

REFERÊNCIAS ARQUIVOS ONLINE:

ALMEIDA, Priscilliana Duarte de. **A Mensageira**. São Paulo, ano I v.I, 1897. Artigo Consultado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Online. Disponível em: <<http://bit.ly/2Zcu7rd>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

ASSIS, Francisco de. SANTOS, Marli dos. TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Mulheres Jornalistas e a Prática do Jornalismo de Imersão: Por um Olhar Sem Preconceito**. Disponível em: <<http://www.cimj.org/revista/25/AnaTFranciscoAMarliS.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BABCOCK, Linda; LACHEVER, Sara. **Women Don't Ask: Negotiation and the Gender Divide**. Womendontask.com. United States, 2007. Disponível em: <<http://www.womendontask.com/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BARROS, Ricardo Paes de; FRANCO, Samuel; MENDONÇA, Rosane. **Discriminação e Segmentação no Mercado de Trabalho e Desigualdade de Renda no Brasil**. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1842/1/TD_1288.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BIOGRAFIA. **Sandra Annenberg**. FC Sandra Annenberg. Disponível em: <<http://fcsandraannenberg-biografia.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BLOGGER. **Eu Odeio o Galvão Bueno**. Atualizado última vez em 06/10. Disponível em: <<http://euodeiogalvaobueno.blogspot.com/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BUENO, Eduardo. **A Rússia Tem Fama, Mais do Que Merecida, de Ser um País Machista**. Atualizada em 25/06/18. Disponível em: <<http://bit.ly/peninharussia>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. **Institui Importunação Sexual. Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BRESCOLL, Victoria. **Who Takes the Floor and Why: Gender, Power, and Volubility in Organizations**. Administrative Science Quarterly. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2ErnEAs>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa**: Primeiras Experiências no Final do Século XIX. Disponível em: <<http://bit.ly/30wUt8H>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

CASTRO, Daniel. **Repórter Processa Datena por Assédio Sexual; Apresentador Diz Que É 'Delírio'**. UOL, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reporter-processa-datena-por-assedio-sexual-apresentador-diz-que-e-delirio-24399>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

CELMER, Elisa Girotti. **Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável**. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A Violência na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2HTxqxu>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

CERIONI, Clara. **1 em Cada 4 Mulheres Passou por Violência no Brasil em 2018, Diz Pesquisa**. Exame, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/1-em-cada-4-mulheres-passou-por-violencia-em-2018-no-brasil-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

COLE, Adam. **What Happens When You Get Your Period In Space?** National Public Radio, Washington, Set. 2015. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/health-shots/2015/09/17/441160250/what-happens-when-you-get-your-period-in-space>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

COMUNIQUE-SE; APEX, Conteúdo. **Perfil do Jornalista Brasileiro**, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mr9l01>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

CORRELL, Shelley; BENARD, Stephen; PAIL, In. **Getting a Job: Is There a Motherhood Penalty?** American Journal of Sociology, Ithaca, New York, v.112, no. 5, Mar. 2007. p. 1297-1339. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/511799>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

COTIDIANO. **São Paulo Recebe a Marcha das Vadias no Sábado**. Atualizada em 03/06/2011. Folha de São Paulo Digital. Disponível em: <<http://bit.ly/30kqG2G>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

DANELLO, Monique. **As Barreiras das Mulheres no Jornalismo Esportivo**. [Entrevista cedida a] Olga Bagatini. Think Olga. Disponível em: <<http://bit.ly/2E6i4DD>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

DATAFOLHA. **42% das Mulheres Brasileiras Já Sofreram Assédio Sexual**. 2018, São Paulo. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

DIEMINGER, Carlise Clerici. **Das Ofensas Veladas Offline e Reveladas Online: Caso Duda Streb**. Centro de Pesquisas em Direito & Internet. Disponível em: <<http://bit.ly/ofensasveladas>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

ELY, Débora. **Diretora de Jornalismo de Rádio e Jornal do Grupo RBS Apresenta Caminhos Para a Igualdade de Gênero nas Redações**. GaúchaZH. Atualizada em: 30/06/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/caminhosparaiqualdadenasredacoes>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

ENTRETENIMENTO. **Resposta de Pitty a Seguidor Após Oferta Viraliza no Twitter**. Atualizada em 18/03/15. Disponível em: <<http://bit.ly/ofensaviralizatwitter>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

ESPORTES. **Regras Misteriosas Aumentam Cobiça à Taça da Copa do Mundo**. Atualizada em 03/06/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2vldN4K>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

FUTEBOL, Observatório da Discriminação Racial no. **Brincadeira ou Machismo?** Facebook. Disponível em: <<http://bit.ly/2vWrl7q>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

FUTEBOL. **Historiador Causa Polêmica ao 'Rebater' Jornalista Colorada: 'Volta Pra Cozinha'**. Torcedores. Disponível em: <<http://bit.ly/peninhapolemica>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GAÚCHAZH, **Sala de Redação 26/04/18**. YouTube. Porto Alegre. Publicado em 26/04/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2H33fDE>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GAÚCHAZH, **Sala de Redação 27/04/18**. Facebook. Porto Alegre. Publicado em 27/04/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2VxpcU4>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GLOBOESPORTE, **Americana Acusa Cristiano Ronaldo de Estupro em um Hotel de Las Vegas em 2009**, atualizado out. 2018, Las Vegas, Estados Unidos. Disponível em: <<https://glo.bo/2HefbS0>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GLOBOPLAY. **Brasil 2 x 0 México - Oitavas de Final**. Exibição em: 02 Jul. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6845485/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GLOBOPLAY. **Fátima Relembra a Emoção de Segurar a Taça Conquistada Pelo Brasil**. Exibição em 29/06/2012. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2017365/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GLOBOPLAY. **Jornal Hoje - Íntegra 02 de Julho 2018**. Exibição em: 02/07/18. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6845520/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Feminismos, mulheres e esportes**: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GOELLNER, Silvana Vilordre. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GOMES, Marlise, '**Deixa Ela Trabalhar**': Jornalistas Se Unem em Campanha Contra Assédio. Entenda!. PurePeople. São Paulo. Publicado em 26/03/18. Disponível em: <<http://bit.ly/2H4Ftai>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GRANT, Adam M. **Rocking The Boat but Keeping It Steady**: The Role Of Emotion Regulation in Employee Voice. Academy of Management. New York, v. 56, nº 6, 2012. Disponível em: <<https://journals.aom.org/doi/abs/10.5465/amj.2011.0035>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

GRÊMIO, RESPIRANDO O. **Respirando o Grêmio Debate o Caso Eduardo Bueno (Peninha)/ Eduarda Streb**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wUoFte8i5RQ>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

GRUPORBS, **Comunicado**. 27 abril 2018. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2018/04/27/comunicado-11/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

G1. **História do Jornal Hoje**. g1.globo. Disponível em: <<http://bit.ly/historiaJH>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

G1 SP, **Mulher Sofre Assédio Sexual Dentro de Ônibus na Avenida Paulista**. G1, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mulher-sofre-assedio-sexual-dentro-de-onibus-na-avenida-paulista.ghtml>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HEILMAN, Madeline; CHAIN, Julie. **Same Behavior, Different Consequences**: Reactions to Men's and Women's Altruistic Citizenship Behavior. Journal of Applied Psychology, New York, Vol.90, No.3, p. 431– 441, 2005. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/5920/3f2be74c543829c54d443fb634c0477ed648.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HAYNES, Michelle; HEILMAN, Madeline. **It Had to Be You (Not Me)!**: Women's Attributional Rationalization of Their Contribution to Successful Joint Work Outcomes. Personality and Social Psychology Bulletin, mai. 2013, p. 956-969. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0146167213486358>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HIGUERA, Silvia. **Violência Contra Mulheres Jornalistas Aumenta Nas Américas, Diz Relatório da CIDH**. Knight Center for Journalism In The Americas. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2VYc2iu>>. Acesso em: 26 abr. 2019

HUNTOON, Meghan; SMITH, Jessi. **Women's Braggin Rights**: Overcoming Modesty Norms to Facilitate Women's Self-Promotion. Psychology of Women Quarterly. nº 4, 2013. Montana, United States. Disponível em: <<http://bit.ly/2VUgBKL>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, no. 38, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2Vj6g6z>>. Acesso em: 26 abr. 2019

JACOBI, Tonja; SCHWEERS, Dylan. **Justice, Interrupted: The Effect of Gender, Ideology and Seniority at Supreme Court Oral Arguments**. 24 out. 2017. 103 Virginia Law Review 1379 (2017); Northwestern Law & Econ Research Paper No. 17-03. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=2933016>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

JORNALISMO, **MULHERES NO**, 2017. Disponível em: <<http://mulheresnojornalismo.org.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

JORNALISTA, **Biografia de Galvão Bueno**. Biografia Resumida. s/d Disponível em: <<https://biografiaresumida.com.br/biografia-galvao-bueno/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

KAHLO, NÃO ME, **Dia do Jornalista Mulheres Ainda Sofrem com o Machismo na Profissão**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2IqRKYD>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2MBDxeq>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

KRISTOFF, Nicholas. **Is Delhi So Different From Steubenville?**. New York Times, 2013. Disponível em: <<https://nyti.ms/2WaHZ39>>. Acesso em: 26 Abr. 2019.

MACEDO, Nathalí. **Vídeo - Nathali Macedo: 'O Mansplaining de Galvão Bueno Acontece Todo Dia'**. Diário do Centro do Mundo. Atualizado em: 04/06/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/mansplainingemvideo>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MARCHA DAS VADIAS. **Por Que Vadias?** s/d. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2JB6wvG>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

MARTINELLI, Andréa. **Carmen Lúcia Sobre Ser Mulher no STF: 'Não Nos Deixam Falar, Então Nós Não Somos Interrompidas'**. Huffpost. Atualizado em 31/01/2019. Disponível em: <<http://bit.ly/mulheresnoSTF>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

MOTA, Keli Rocha. **Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país**. Revista Extraprensa, São Paulo, v. 11, p. 108-127. Disponível em: <<http://bit.ly/2YZ32Ya>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MULHERES, ONU. **Conferências Mundiais da Mulher**, s/d, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2WC62sB>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

MULHERES EM CAMPO. **Machismo No Futebol... Quando Vocês Vão Parar?** Blog Mulheres em Campo. Disponível em: <<http://bit.ly/quandovocesvaoparar>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

MUNDO, **Diretor do FMI é Preso Acusado de Abuso Sexual, Diz Jornal**. G1.GLOBO.COM. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://glo.bo/2VRq4TU>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

NARLOCH, Leandro. **Quando Lesões no Cérebro Criam Molestadores Sexuais**. Gazeta do Povo, Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2GjyHMn>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

NASCIMENTO, Fernando. **Galvão Bueno É Detonado e Acusado de Machismo Após Atitude com Sandra Annenberg**. TVoFoco. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaodetonadoonline>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

NATANSOHN, Graciela. **Internet em Código Feminino**. La Crujía, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2YoCz5Z>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PAÍS. **Historiador Peninha Decidiu Viver no Século 19; Veja Vídeo**. Sensacionalista. Disponível em: <<http://bit.ly/peninhaseculo19>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PAUSTIAN-UNDERDAHL, Samantha; WALKER, Lisa; WOEHR, David. **Gender and perceptions of leadership effectiveness: A meta-analysis of contextual moderators**. Journal of Applied Psychology, Washington, DC, American Psychological Association. V.99. Nov. 2014, p. 1129-1145. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fa0036751>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PRAZER, Jout Jout. **Não Tira o Batom Vermelho**. YouTube. Rio de Janeiro. Publicado em: 26/05/2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2HiGeN5>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PROVENZANO, Bruna. SANTUÁRIO, Marcos Emílio. **A participação das Mulheres no Radiojornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul**. Novo Hamburgo, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3847-1.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PUREPEOPLE. **Biografia Galvão Bueno**. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/famosos/galvao-bueno_p3335>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PUREPEOPLE. **Biografia Sandra Annenberg**. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/famosos/sandra-annenberg_p3315>. Acesso em: 09 abr. 2019.

QUEIROZ, Nana. **Termos em Inglês Estão Elitizando o Feminismo**. AzMina. 2016. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/termos-em-ingles-estao-elitizando-o-feminismo/>>. Acesso em 09 abr. 2019.

QUEM SOMOS. **Nossa História**. Grupo RBS. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2JBNm8N>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Apresentadora da Globo É Demitida Por Ficar Gorda Depois de Gravidez**. UOL, São Paulo, 2019. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apresentadora-da-globo-e-demitida-por-ficar-gorda-depois-de-gravidez-25556>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Hollywood's Glaring Gender Gap**. California, Outubro, 2015. Disponível em: <<http://labs.time.com/story/these-charts-show-hollywoods-glaring-gender-gap/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Jornalista Da Record é Demitida Depois de Acusar Chefe de Assédio Sexual**. Jornal do Tocantins. 14 abril 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2EW2FWY>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

REDAÇÃO. **Mansplaining: Galvão Bueno Provoca Polêmica Nas Redes Sociais Após Atitude Machista Em Conversa Ao Vivo Com Sandra Annenberg**. GauchaZH ClickRBS Atualizado em: 03/07/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaoprovocapolemica>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Mansplaining Você Sabe o Que Significa?** Portal da Eva. Atualizado em 05/07/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/mansplainingvoce sabe>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Taylor Swift e Beyoncé Choraram Nos Bastidores do VMAs 2009**. CAPRICHÓ online. 11 jun. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2PWF6BB>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

REDAÇÃO. **Vídeo Machista de Torcedores Brasileiros Na Rússia Viraliza**. Atualizado em: 27/06/2018. Catraca Livre. Disponível em: <<http://bit.ly/brasileirosrussia>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PENHA, INSTITUTO MARIA DA. **Relógios Da Violência**. 11 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

RONAN, Gabriel. **Assediada Ao Vivo Por Torcedor, Repórter Desabafa: 'Sou Mulher e Mereço Ser Respeitada'**. Em.com.br Nacional. Atualizada em: 14/03/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/soumulheremerecorespeito>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

RUDMAN, Laurie; Phelan, Julie. **Backlash Effects for Disconfirming Gender Stereotypes in Organizations**. Journal of Personality and Social Psychology, Research in Organizational Behavior, v. 28, p. 61-79, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mt32hT>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

RUDMAN, Laurie. **Self-Promotion as a Risk Factor for Women: The Costs and Benefits of Counterstereotypical Impression Management**. Journal of Personality and Social Psychology. New Jersey, v.74, p. 629-45, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/2wA2dJq>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SANDBERG, Sheryl; GRANT, Adam. **Speaking While Female**. The New York Times, 2015. New York, EUA. Disponível em: <<https://nyti.ms/2WhVRfV>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SINDJORS. **SINDJORS Condena Agressão Machista em Programa de Rádio.** Jornalistas-RS.ORG. Disponível em: <<http://bit.ly/notaderepudiojornalistas>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SASSAKI, Raphael. **Marcha das Vadias Leva 300 Pessoas Para a Av. Paulista.** Atualizada em: 04/06/2011. Folha de São Paulo Digital. Disponível em: <<http://bit.ly/2vS80JU>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SOLNIT, Rebecca. **Man Explain Things to Me;** Facs Didn't Get in Their Way. Common Dreams. Portland, EUA. 13 abr. 2018 Disponível em: <<http://bit.ly/2WUcn2R>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

TRABALHO E PREVIDÊNCIA. **Câmara Aprova Punição Para Assédio Moral no Trabalho.** Câmara dos Deputados. Publicado em: 12 mar. 2019. Disponível em <<http://bit.ly/2wVzlpL>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

TRABALHO, Ministério Público. **Assédio Sexual no Trabalho:** Perguntas e Respostas. Brasília, 21 jun. 2017, (24 p.). Disponível em: <<http://bit.ly/2JQsVFm>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

UNIVERSIA. **Mansplaining:** Mulheres Contaram no Twitter Algumas de Suas Piores Histórias. UOL. São Paulo. 19 dez. 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2Jg6z0p>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

UNCATEGORIZED. **Mansplaining:** Galvão Has a Macho And Arrogant Attitude in The Conversation With Sandra Annenberg. Naaju.com. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaomachoandarrogant>>. S/d 2018. Acesso em: 09 abr. 2019.

UOL, TV. **Taça da Copa na Globo Vai da Empolgação de Sandra ao Susto com Junior.** São Paulo. Atualizado em: 02/06/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/tacadacopa2018>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

UOL, TV. **Tenista Tenta Beijar Repórter Força.** Atualizada em: 30/05/2017. Disponível em: <<http://bit.ly/tenistabeijareporter>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

VAZ, Camila. **Julgamento Histórico:** STF Muda Jurisprudência e Permite Prisão a Partir da Decisão de Segunda Instância. Jusbrasil. s/d 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2VjZmCS>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

VESTERLUND, Lise; BABCOCK, Linda; WEINGART, Laurie. **Breaking the Glass Ceiling with "No":** Gender Differences in Declining Requests for Non-Promotable Tasks. Gender Action Portal. Harvard Kennedy School. Women and Public Policy Program. Pittsburgh, Pennsylvania, p. 1-28, jan. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/BreakingtheglassceillingwithNo>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

WARKEN, Júlia. **Conversamos Com Sandra Annenberg Sobre Memes, Galvão e 'Criança Esperança'.** M de Mulher. Atualizado em: 01/12/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/sandrasobrememesegalvao>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

RODRIGUES, Guilherme. **Web Se Revolta Com Atitude de Galvão Bueno Com Sandra Annenberg**. Observatório da Televisão. Atualizado em: 03/07/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/websevoltagalvao>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

WARKEN, Júlia. **Galvão Tem Atitude Machista e Arrogante em Conversa com Sandra Annenberg**. M de Mulher. Atualizada em: 03/07/2018. Disponível em: <<http://bit.ly/galvaoatitudemachista>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

WERBA, Graziela Cucchiarelli; CARVALHO, Michele Chinelato de. **NÃO NOS DEIXAM FALAR, ENTÃO NÃO SOMOS INTERROMPIDAS**: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero. *Conversas Interdisciplinares, Torres*, v. 14, n. 1, p.1-20, jul. 2018. <Disponível em: <http://bit.ly/31fg8Tg>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

WILLIAMS, Joan; DEMPSEY, Rachel. **What Works For Women At Work: Four Patterns Working Women Need to Know**. New York University Press, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2WqEre9>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

@DEIXAELATRAB. **#Deixa Ela Trabalhar**. Twitter. São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2vVKQ58>>. Acesso em: 09 abr. 2019.